O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

QUARTA-FEIRA 31 DE JULHO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:615

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—O CAMINHO DE FERRO DO ALGARVE.—PARTIDOS E PATRULHAS.—CHRONICA DOS FESTEJOS.—NOTICIARIO.—OS GRANDES E OS PEQUENOS.—CARTA DE LISBOA.—CARTA DE FOZCOA.—SECÇÃO AGRICOLA.—SECÇÃO LITTERARIA.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM: O MARQUEZ DE LETORIÈRE.—CORREIO DE LISBOA.—MOVIMENTO MARITIMO.

AVEIRO

O CAMINHO DE FERRO DO ALGARVE

Preocupa aquella provincia a questão do caminho de ferro com relação ao preço do transporte tanto de passageiros como de mercadorias. Acham alli excessivamente elevadas as tarifas. Entendem, que no fim de quasi vinte annos de esperanças malogradas e de sacrificios, a exageração das tabellas difficulta o transito, achando excessivamente caro o custo dos bilhetes de 1.ª, 2.ª e 3.ª classe, e bem assim o das mercadorias que seguem por aquelle meio de communicação.

O estado foi o emprezario; e o assentamento da linha, expropriações, e o material tanto fixo como circulante representam um sacrificio do thesouro, porque não houve companhia particular que se abalançasse ao comettimento, para ligar por meio da viação aceleranda aquella provincia com o Alemtejo, pondo-a em relações immediatas com a metropole. Mas isto não quer dizer que sejam justificados os exageros das tarifas. E' preciso conciliar todos os interesses, para que ninguem seja prejudicado.

Argumenta-se com a economia dos transportes maritimos, sem todavia se attender ás contingencias das viagens, á demora no trajecto em consequencia dos vapores da carreira terem de tocar e receber carga e passageiros em diversos portos da provincia, e a outras occorrencias de somenos importancia. Mas se o argumento não colhe, por nos parecer contraproducente, visto que a via aquatica foi sempre mais barata para as companhias que a exploram, outras razões ha que se nos affiguram de maior ponderação.

Em primeiro logar no caminho de ferro quanto menos é o custo da passagem, ou a tarifa das mercadorias, maior é o movimento. Os comboios a preços reduzidos da companhia de norte e leste tem-lhe grangeado lucros importantes. Os comboios d'operarios teem avolumado os dividendos dos accionistas. Os trens especiaes das praias, as viagens circulatorias, finalmente tudo quanto reduz o preço dos transportes, dá em resultado o augmento da receita. Producto barato, augmento de consumo. E' a regra. E se a applicarmos ao caminho de ferro do Algarve, veremos que os calculos não falham, e que o estado ha de auferir mais vantagens com a diminuição dos preços, que mantendo-os na altura em que os fixaram. Isto é obvio.

Muitos artigos de commercio que até aqui seguem em vapor para Lisboa, irão depois na linha ferrea pelo Barreiro. Os passageiros que preferiam a via maritima por ser mais barata, irão depois por terra, não só porque *economisarão mais tempo*, mas tambem porque o bilhete lhes custa a mesma importancia.

E, note-se, a exploração da linha absorve sempre os mesmos recursos, quer os comboios sejam frequentados, quer não. O estado paga ao pessoal do mesmo modo, gasta-se o mesmo combustivel, ha as mesmas demoras no trajecto. Logo não ha vantagem alguma que recommende as actuaes tarifas, que affastam a concorrencia da linha tanto de passageiros como de mercadorias.

Chamamos sobre esta importante questão as attenções do nobre ministro das obras publicas. S. ex.ª, homem do seu tempo, conhecedor dos negocios, é muito intelligente para que lhe passem desapercebidas as nossas observações. Fiamos que s. ex.ª fará reformar ás tarifas, na certeza de que, tornando-as rasoaveis, proporcionará ao estado vantagens duradouras.

Os alvitres que ahi deixamos aproveitam tanto ao thesouro publico como aos interesses do Algarve e do Baixo Alemtejo. Conciliam as conveniencias do individuo e do estado. Lembrem-se do aforismo que citamos—producto barato, augmento de consumo. Tenham-se tambem em vista os factos, que invocamos, com relação ao caminho de ferro do norte e leste. E quando uma empreza particular assim procede com vantagem sua, melhor o póde fazer o estado, nas circumstancias especiaes em que se acha actualmente a provincia do Algarve.

PARTIDOS E PATRULHAS

E' das *Novidades* o seguinte artigo:

O grupo serpista queixa-se da concorrencia eleitoral, que lhe fazem os outros dois grupos opposicionistas; e, com uma abnegação muito nobre pelo que é de seus interesses partidarios, mas obtemperando a elevadas considerações de ordem publica, faz um solemne estendal doutrinario para mostrar a necessidade de haver só dois partidos, que se revezem no poder. Os fraccionamentos, as *patrulhas* como nós dizemos, são uma causa profunda de perturbação constitucional, tão funesta para a vida politica do paiz, como para a regular administração do estado.

Perfeitamente de accordo. Sempre temos sustentado essas idéas. Mas, o que não vêmos, é que d'ahi se derive para o governo qualquer obrigação moral, como esse grupo parece querer adduzir, de guerrear ao transe o *porto franco* e a *esquerda dynastica*, para deixar mais desafogada a *serpia*. Como não foi o governo, que os dividiu, não é tambem ao governo que incumbe a missão de os unir de novo. Quando o partido progressista se scindiu, e não por ambições e rivalidades mesquinhas mas sob a influencia de causas poderosas que tiraram origem e alimento d'uma fortissima commoção popular, o partido regenerador não foi chamar os dois irmãos desavindos, nem forçou um a render-se e submetter-se ao outro. O *pacto da Granja* foi da iniciativa e resolução dos dois grupos progressistas. Os regeneradores só contribuiram para elle com a sua má vontade e reiterados esforços para o romperem!

A que titulo havia de intervir o governo entre os tres grupos, que actualmente disputam a supremacia na representação da opposição constitucional?! Que saibamos, nem o governo nem o partido progressista foram chamados ao conclave dos Cardaes de Jesus, d'onde saiu a *esquerda dynastica;* tambem não interveiu nas conferencias da rua de S. Bento, onde se gerou e nasceu o *porto franco*. Estando, como está, isento de culpas, está tambem livre de responsabilidades e do dever de as resgatar.

Quem fez o mal, que applique o remedio e promova a cura. Não é isso funcção do governo, porque a organisação dos partidos, para ser proveitosa, não deve ser artificial e filha d'uma convenção ou accordo; nem rasoavelmente se póde exigir d'um partido, que empenhe os seus esforços e dispenda as suas forças a organisar e fortalecer os partidos rivaes. O unico titulo, que o grupo serpista póde allegar n'esse intuito, é ter sido aquelle, que mais ferinamente tem combatido o governo, e mais facciosa e calumniosamente tem procurado aggredir os principaes vultos do partido progressista. Ora, um tal titulo é contraproducente. Deviam contar com isso.

O preceito do evangelho de offerecer a face esquerda a quem nos esbofeteia na direita, não é applicavel á politica, que é de todas as coisas conhecidas a menos evangelica. N'este ponto, as paixões humanas coincidem, para o mesmo resultado, com os bons principios. O mais que o governo e o partido progressista podem fazer em face das rivalidades dos *tres grupos* opposicionistas, é o que está fazendo: cruzar os braços, e assistir impassivel e indifferente á lucta, que já se vae desenrolando com episodios edificantes! Em Braga, por exemplo, é um espectaculo muito divertido ver o sr. abbade de Maximinos, do *porto franco*, atirar com o ripanso á cabeça do sr. Lopo Vaz, e dizer-lhe com o arregaço d'um antigo dom abbade de Alcobaça, que o illustre *leader* da opposição já deu como deputado o que havia de dar! Vejam se o governo não está vingado dos despauterios iracundos, que o sr. Manuel Vaz despejou na camara dos dignos pares, com grande applauso das gazetos serpias! Um abbade assim é impagavel.

Este fraccionamento das opposições leva ao regimen deploravel das patrulhas; e quando apparecem abbades d'estes figados, as patrulhas podem ser como as guerrilhas do famigerado cura de Santa Cruz. Mas que lhe ha-de fazer o governo?! Que lhe ha-de fazer o partido progressista?! Além dos seus deveres de não intervenção, o governo teria difficuldades insuperaveis para se decidir por uns ou por outros. Entre os tres, venha o diabo que escolha! Isto pelo lado das conveniencias politicas. Pelo lado da justiça, tambem a decisão é difficil. Qual dos tres grupos ha-de ser guindado a partido? quaes hão-de ser supprimidos como reles patrulhas?! A *serpia* era mais forte na camara dos deputados; mas o *porto franco* é muito mais forte do que ella na camara dos pares; e a *esquerda dynastica* equilibra-se entre os dois, com bons elementos de ponderação constitucional, e com melhores tradições e programma de governo. Póde ser que isto não agrade aos interessados; mas é a verdade pura, e é ella a que se impõe a todos.

N'estes termos, a attitude do governo não poderia ser differente da que está sendo. A boa prudencia lh'o recommenda, não vá dar-se o caso de apanhar em cheio o ripanso ou o missal, arremessado contra outrem. Joguem entre si as cristas, como entenderem, e depois se fará o apuramento final da briga. A campanha eleitoral quasi que não offerece outro interesse além d'este.

CHRONICA DOS FESTEJOS

A pedido da grande Commissão dos festejos da inauguração da estatua de José Estevão, publicamos o seguinte, que é a parte já organisada, do programma dos mesmos festejos, relativa ao cortejo civico no dia 12 de agosto:

12 D'AGOSTO DE 1889

Inauguração do monumento levantado na cidade d'Aveiro, á memoria de

JOSÉ ESTEVAM COELHO DE MAGALHÃES

PRESTITO CIVICO

ORDEM DE FORMAÇÃO E MARCHA

Indicações

A—Adoptou-se a ordem de formação seguida no prestito civico que teve logar em Lisboa, por occasião das festas do centenario de Camões:

O Estado no centro, tendo a um lado o Commercio e a Industria, e a outro a Instrucção e a Segurança; na frente a Instituição Municipal, base da sociedade portugueza; e, fechando o prestito, a Opinião ou a Publicidade, garantia e affirmação das liberdades publicas.

B—A Commissão promotora do monumento vae encorporada com os representantes da imprensa, como interprete da Opinião relativamente ao assumpto que solemnisa.

C—O prestito forma-se na estrada que liga o Largo da Estação do Caminho de Ferro á Rua do Visconde de S. Januario. Na collocação das differentes corporações, salvo as conveniencias da organisação, seguir-se-ha a ordem alphabetica.

D—A entrada no espaço reservado á formação do prestito é pelo largo da Estação, tanto para as pessoas a pé, como para as que venham de carruagem.

E—Os numeros da tabella junta indicam a ordem de formação e de marcha. Postes convenientemente numerados designarão os logares das diversas corporações no espaço reservado para a formação do prestito.

F—O prestito desfila pela rua do Visconde de S. Januario, e percorre as ruas do Gravito, Vera-Cruz, José Estevão, avenida Bento de Moura, Praça do Commercio, travessa da Praça, Alfena, Rainha, Fontes Pereira de Mello, ponte da Praça, Francisco Mattoso, José Luciano de Castro, Arrochella, Arribas, Sé, Jardim, Anselmo Braamcamp e Largo Municipal, aonde assiste á ceremonia da inauguração, dispersando depois pela rua de Anselmo Braamcamp.

G—Os diversos grupos procurarão conservar entre si uma distancia não inferior a tres metros.

H—O prestito forma-se ás 11 horas em ponto. *As 11 horas e trinta* minutos, occupando todas as corporações os seus respectivos logares, içar-se-ha, como signal de prevenção, uma bandeira branca no mastro do quartel de cavallaria n.º 10. Ao meio dia será feito o signal de desfilar por meio de uma girandola de 500 foguetes.

I—As bandas marciaes e as philarmonicas que se encorporarem no prestito, executarão uma marcha triumphal dedicada a José Estevão.

ORDEM DE FORMAÇÃO E MARCHA

a) Piquete de cavallaria.
b) Charanga de cavallaria.

I

1—Camara Municipal d'Aveiro e delegações das municipalidades do paiz que se fizerem representar.
2—Empregados das secretarias e diversos pelouros das municipalidades do districto.
Philarmonica Amizade.

Carro dos Bombeiros Voluntarios

3—Companhia dos Bombeiros Voluntarios d'Aveiro.
4—Associação dos Salvadores e Club Fluvial.

II

5—Associação Commercial e commerciantes d'Aveiro.
6—Empregados do commercio.
Uma philarmonica.

Carro triumphal do Commercio

7—Grupo de marnotos.
8—Operarios da fabrica de louça do Cojo.
9—Operarios da fabrica de louça da Fonte Nova.
Philarmonica da Vist'Alegre.
10—Operarios da fabrica da Vista Alegre.
11—Operarios da fabrica de vidros da Fonte Nova.
12—Operarios da tanoaria do Cojo.
13—Operarios da tanoaria da Estação.
14—Artistas e operarios d'Aveiro.
Uma philarmonica.

Carro triumphal das Artes e Officios

15—Artistas e operarios d'Ilhavo.
16—Associação Aveirense de Soccorros Mutuos das Classes Laboriosas.
17—Direcção do Gremio Aveirense.
18—Direcção do Theatro Aveirense.
19—Direcção do Asylo S. João de Lisboa.
20—Gremio Lusitano de Lisboa.
21—Outras associações de fóra de Aveiro, que se fizerem representar.

III

Banda marcial de infanteria n.º 4.

Carro de flores

22—Representação dos poderes constitucionaes da nação.
23—Governador civil do districto e secretario geral.
24—Junta geral do districto.
25—Magistrados dos tribunaes superiores.
26—Magistrados dos tribunaes judicial e administrativo.
27—Agentes consulares estrangeiros.
28—Commandante e officialidade de cavallaria n.º 10 e guarda fiscal.
29—Officiaes reformados e licenciados da armada e exercito.
30—Veteranos da liberdade.
31—Auctoridades e funccionalismo das diversas repartições de serviço publico.

Carro de flores

IV

32—Grupo de trabalhadores agricolas de diversos concelhos do districto.
33—Grupo de pescadores das companhas do littoral do districto.
Uma philarmonica.

Carro triumphal de Marinha e Pesca

V

34—Azylo Escola Districtal.
35—Collegio Aveirense.
36—Collegio Probidade.
37—Academia Aveirense.
38—Reitor e professores do Lyceu.

VI

37—Quadros typographicos dos jornaes d'Aveiro.
40—Redacções dos jornaes da cidade e representantes da imprensa do paiz.
41—Representação da familia de José Estevão.
42—Commissão do monumento.
Uma philarmonica.

Carro de flores

c)—Piquete de cavallaria.

Aveiro, 26 de julho de 1889.

—O *Diario do Governo* de hoje contém o seguinte decreto:

«Attendendo ao que me foi representado por parte da grande commissão promotora dos festejos na cidade de Aveiro, por occasião da inauguração do monumento levantado á memoria de José Estevão Coelho de Magalhães; e

Considerando quanto seja conveniente auxiliar os que emprehenderam a realisação do publico e solemne testemunho de admiração e reconhecimento pelos eminentes dotes e serviços d'aquelle benemerito cidadão:

Hei por bem decretar que para as diversas repartições publicas da referida cidade de Aveiro se considerem feriados os dias 12 e 13 do proximo mez de agosto, em que hão de ter logar os mencionados festejos.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, e os ministros e secretarios d'estado das diversas repartições, assim o tenham entendido e façam executar.—Paço de Cintra, em 25 de julho de 1889.—REI.—*José Luciano de Castro*—*Francisco Antonio da Veiga Beirão*—*Henrique de Barros Gomes*—*José Joaquim de Castro*—*Frederico Ressano Garcia*—*Eduardo José Coelho.*»

— Consta-nos que é no dia 12 de agosto, ás 6 horas da tarde, o jantar que o illustre deputado da nação o sr. dr. Barbosa de Magalhães, offerece, em nome da Junta Geral d'este districto, aos seus collegas da camara electiva e aos dignos pares do reino que veem, commissionados pelo parlamento, assistir á inauguração da estatua de José Estevão.

— Um distinctissimo artista portuense, que modestamente deseja conservar o incognito, compôz um excellente *Hymno Inaugural da estatua de José Estevão*, que offereceu e enviou ao nosso collega o sr. dr. Barbosa de Magalhães pedindo-lhe que o apresentasse á Commissão dos festejos, e concedesse ás bandas de musica que vierem assistir á inauguração authorisação para o tocar. Informa-nos pessoa competente de que é uma composição musical de primeira ordem, e de subido merito. Parece, porém, que, por vir tarde, já nem todas as bandas o poderão executar n'esse dia.

— A camara municipal d'este concelho contractou com o sr. José Maria de Mattos, distincto ornamentista portuense, uma decoração vistosa e a illuminação do largo municipal e Paços do concelho por occasião dos festejos da inauguração. Além d'isso tambem contractou com uma caza de Lisboa a illuminação da estatua por um fôco de luz electrica, que deve produzir brilhantissimo effeito.

— A benemerita *Associação dos Salvadores d'Aveiro* encorpora-se no cortejo civico devidamente fardada, levando hasteada uma bonita bandeira primorosamente pintada a oleo pelo habilissimo socio, o nosso amigo, o sr. Severiano Juvenal Ferreira. E' a excellente phylarmonica Agadense que acompanha este grupo.

— Ambas as casas do Asylo-Eschola districtal estarão em exposição, e á noite terão artisticamente illuminadas as suas fachadas.

— Na praça do Peixe ha ruidosos festejos, sendo o largo profusamente embandeirado e á noite illuminado, tocando alli n'um corêto a popular phylarmonica *Aveirense*.

— No prestito encorporam-se representantes da camara municipal e atheneu commercial do Porto.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Esteve no domingo em Aveiro o nosso talentoso amigo o sr. Manuel Borges Grainha, dignissimo professor de latim no lyceu nacional d'esta cidade, e que já regressou a Lisboa.

— Tem aqui estado, em serviço de exames de instrucção secundaria, o nosso illustrado amigo o sr. dr. Maximiano Pereira da Fonseca Aragão, dignissimo professor do lyceu nacional de Vizeu.

— Regressa hoje a Lamego o nosso illustre amigo o sr. dr. Francisco David Calder, dignissimo professor de philosophia do lyceu nacional d'aquella cidade, e que aqui exerceu com muita distincção as funcções de membro d'um dos jurys de exames de instrucção secundaria.

— Passou aqui no sabbado á tarde, de regresso das Pedras Salgadas, e em direcção a Coimbra, o venerando bispo de Beja.

— Sahiu do seu sollar de Santar para a Povoa de Varzim o sr. D. Ruy Lopes de Sousa Albim e Lemos, um dos cavalheiros mais respeitaveis do districto de Vizeu.

— Estiveram no domingo e segunda-feira n'esta cidade os srs. conselheiro Bento Fortunato de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça, dignissimo director geral das obras publicas e minas, e João Joaquim de Mattos, muito digno inspector d'engenheria. S. ex.as foram á barra, a Eirol, e a outros pontos, onde ha obras, a fim de examinar os trabalhos, ou os planos a executar, com o zelo, competencia e actividade, que os distinguem.

Felicitações.—Receba-as o nosso prezadissimo amigo, o sr. conselheiro Augusto Maria de Castro, meretissimo procurador régio do Porto e sua ex.ma esposa, pelo bello exame de francez que sua interessante filha, a ex.ma sr.ª D. Maria do Carmo, fez ha dias no lyceu central do Porto. A menina *Maria do Carmo*, segundo nos consta, fez um exame muito distincto e nem outra coisa era de esperar, pois que ella não só lê e traduz correctamente o francez, mas tambem o falla com algum desembaraço. No dizer das suas mestras era a mais habilitada das suas condiscipulas.

D. Maria do Carmo é uma menina muito intelligente e demasiado applicada ao estudo. O estudo é a sua preoccupação quasi constante, é o seu divertimento predilecto. Nada a encanta mais que o estudo, quer das linguas para que tem muita inclinação, quer do desenho, da geographia e da musica em que tem feito bastantes progressos. Para a edade que tem, 12 ou 13 annos, não era de esperar tanto.

Aos extremosos paes as nossas sinceras felicitações.

Tribunal Judicial.—Está exercendo as funcções de agente do ministerio publico no juizo de direito d'esta comarca o nosso sympathico amigo, o sr. dr. José Eugenio da Costa e Almeida, intelligente e illustrado sub-delegado do procurador regio n'esta comarca.

Coração de Jesus.—Esteve imponente a festa, feita por uma piedosa agremiação de senhoras, sob a invocação do Apostolado da Oração, no templo do Coração de Jesus, antiga sé episcopal. As gallas flamantes e as flôres primorosamente agrupadas, que o tornávam tão alegre e perfumado, davam-lhe um realce artistico explendido. A orchestra, a grande instrumental, composta dos socios da conceituada phylarmonica—*Aveirense*, executou a primor uma missa nova de bello effeito musical; e as duas orações, confiadas ao rev.º sr. Antonio de Almeida Cotta, distincto professor do lyceu de Vizeu, estiveram á altura dos afamados pregadores, que alli se teem feito ouvir, e que são dos mais notaveis do pulpito portuguez. Uma dicção fluente, e rica de imagens coloridas com as mais finas côres, e uma exposição clara, expressiva e sempre animada, taes são os dotes que o distinguem e que o fizeram conquistar a admiração do auditorio.

A traça dos seus discursos estava feita por mão de mestre, e o modo como defendeu a these, que se propoz, deu a medida do seu portentoso talento. Parabens, pois, á nobre senhora, que trouxe a Aveiro uma palavra tão eloquente.

A festividade das Neves em Angeja.—No dia 11 d'este mez realisa-se n'aquella villa a bem conhecida festa das Neves, que, segundo nos consta, promette ser como sempre, uma festa rica e de luxo, correspondendo e talvez excedendo a expectativa de todos. No dia 10 ha, na forma do costume, fogo fornecido por dois pirotechnicos distinctos, duas boas musicas, pelo menos, e as celebres cavalhadas. No dia 11 ha uma explendida funcção de egreja e depois missa e procissão, que promette ser rica e imponente como muitas que alli fazem e que são pouco inferiores ás das terras grandes.

N'esse mesmo dia de tardeha o costumado arraial, que é muito concorrido mesmo por familias de Aveiro que aproveitam esta occasião para ir dar um passeio a ver esse verdejante e ridente tunel de verdura que é um dos melhores passeios de Portugal no genero. Deve ser, sem duvida, n'esta occasião muito visitado em consequencia dos festejos em Aveiro ahi attrahirem muita gente.

Calculo errado.—Ouvimos dizer que se calculou ahi exageradamente em 800 contos de réis o custo da nova Avenida.

Nem que ella passasse pelo centro principal da cidade poderia attingir semelhante cifra, quanto mais indo por onde vae! E', pois, muitissimo mais modesto o preço d'ella, e, como todos a querem, mais facil se torna por isso a sua realisação. Tanto mais que se não tracta propriamente d'uma Avenida, visto que os dois principaes edificios da cidade, o Lyceu e os Paços Municipaes, lhe não permittem ter para isso a devida largura. E' apenas uma rectificação á estrada districtal n.º 71, constituindo assim uma nova rua larga, atravessando quasi toda a cidade de norte a sul, facilitando a viação e dando amplo accesso aos nossos primeiros edificios publicos, porisso que passa tambem em frente do novo edificio da Junta Geral e Governo Civil.

Honra e gloria, portanto, aos seus iniciadores.

Lyceu nacional.—Reuniu hoje o conselho escholar do lyceu nacional d'esta cidade para deliberar sobre a adopção de compendios para o futuro anno lectivo.

Prevenção.—Os donos dos hoteis tem-se provido de comestiveis para as proximas festas. Ha na cidade enormes depositos de gallinaceos.

Ha muitas casas particulares, que dão hospedagem.

Todavia, como se espera grande concorrencia de forasteiros, quantas maiores precauções melhor, para que nada falte aos que vierem por essa occasião visitar Aveiro.

Inspecção.—Foi ha dias inspeccionada a praça de touros do Rocio, onde devem dar-se duas brilhantes touradas. Os peritos foram de parecer que a praça estava em excellentes condições, e por tanto que podia ser aberta ao publico.

A proposito, sabemos que se acham já tomados muitos logares, e que serão corridos 8 bravissimos touros em cada corrida.

Desordem.—No domingo á noute, quasi á hora dos fantasmas, houve borracha rija para as bandas d'Esgueira. Ferveu tapona de criar bicho. A final da refrega saliu incolume ao que parece, um sugeitorio muito conhecido no sitio, e que foi a causa primordial de toda aquella sarrafusca. Foi o Luiz Faia, que a policia da freguezia capturou, trazendo-o debaixo de prisão para Aveiro, onde jaz ainda, supomos nós, por mal dos seus peccados.

Trabalho no mar.—Continua bom, mas quasi improductivo o mar. Esperavam todos que na semana corrente a pesca fosse abundante, por serem as marés vivas; mas a esperança foi mentida, porque nada tem havido. E succede isto em todas as costas. Mau anno para os pescadores!

Colheita de sal.—Corre agora melhor o tempo para a colheita do sal. As marinhas estão todas a produzir e algumas abundantemente, porque estão exuberantes de força. Se o tempo continuar assim ainda os marnotos farão uma boa safra. Vendas de sal novo por emquanto não ha. O velho está pelo preço que indicámos no nosso n.º anterior—2$3000 réis o antigo barco ou a medida de 15.000 litros.

Os marnotos que já teem que vender, pedem pelo sal novo a 3$3000 rs.

Desamortisação.—No dia 20 d'agosto proximo vão á praça no governo civil d'este districto os seguintes fóros: um pertencente á confraria do Santissimo, da Feira, e outro pertencente ao passal do parocho de Escapães, impostos em bens sitos no concelho da Feira; e mais outro, pertencente á confraria do Santissimo, da Barcouço, e impostos em bens sitos no concelho da Mealhada.

Revista azul.—E' uma publicação interessantissima, que vae sahir brevemente no Porto, sob a intelligente direcção da brilhante escriptora, a sr.ª D. Branca de Carvalho. Não ha no paiz até hoje, uma publicação litteraria destinada exclusivamente ás senhoras que se interessam pelas coisas d'arte. A *Revista Azul* vem pois prehencher uma falta. O prospecto que recebemos, elegantissimo, finamente illustrado por A. Silva, indica o que será a *Revista Azul*, tendo por collaboradores litterarios muitos dos principaes escriptores e escriptoras portuguezas, e por collaboradores artisticos os srs. A. Silva, Torquato Pinheiro e Julio Costa.

Os candieiros de petroleo.—Principio d'incendio.—Toda a cautella é pouca com os candieiros de petroleo. O menor descuido, a minima imprudencia com elles, dá em resultado um desastre que póde ter funestissimas consequencias, como já por vezes tem succedido. Ante-hontem, pelas 9 horas e tanto da noite, na casa n.º 69 do Campo da Regeneração, no Porto, diz um collega nosso d'alli, teve logar um principio d'incendio, motivado pela explosão d'um d'aquelles candieiros. Felizmente acudiram-lhe a tempo e o fogo foi debellado, sendo os prejuizos insignificantes. O predio de que é proprietario o sr. José Bento Pires Caldas, está seguro na Companhia *Lealdade*; e os haveres do inquilino, o sr. José Pinto da Cunha na *Bonança*.

Despachos de correios e telegraphos.—Verificaram-se os seguintes:

Admittidos ao concurso para 2.os aspirantes do quadro de correios das administrações de Lisboa e Porto: Antonio Bernardo Alves Mendes, José Caetano Pereira Junior, José Maria de Vasconcellos Lemos Castello Branco, Luiz Augusto Rodrigues, Accacio Moraes da Costa, Alexandre Antonio Pereira da Silva, Antonio Maria de Sousa Bandeira, Alfredo Arthur Pinto da França, João Silvestre Coelho da Matta, Joaquim Christovão Noronha Montanha, Theotonio Simão Camara Lima.

João Antonio Ledo de Faria, chefe da 1.ª repartição da direcção geral dos correios, telegraphos e pharoes, nomeado vogal do jury dos concursos para provimento de logares dos quadros de correios, durante a ausencia do director geral respectivo.

Venancio Bernardino Henriques, ajudante supra da estação de Arouca, provido no logar de ajudante effectivo do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto e collocado na estação de Albergaria a Velha.

Maria do Sacramento Lopes da Fonseca, idem da estação de Paredes, idem e conservada na mesma estação.

Anthero Simões Pina, nomeado ajudante supra da estação de Albergaria-a-Velha.

Francisco Pedrosa Novo, nomeado distribuidor supra do concelho de Figueira da Foz.

Manuel Simões, idem.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

Marrocos e Constantinopla, de Edmundo d'Amicis, fasciculo n.º 35;

—*O Rei dos Grilhetas*, dramas da revolução franceza, illustrado, de Ernesto Capendú, fasciculo n.º 21;

—*O Escaravelho de Ouro*, por Edgar Poe, n.º 37 da *Bibliotheca Universal Antiga e Moderna*;

—*Os Exilados da Terra*, magestosa obra de André Laurie, illustrada com magnificas gravuras, a preto e côres, fasciculos n.os 6, 7 e 8.

—*A Formosa Conspiradora*, romance illustrado, de P. Zacove, fasciculo n.º 12.

—*O Inferno*, de Dante, com maravilhosas illustrações de G. Doré, fasciculo n.º 42.

Todas estas publicações são editadas pela consideradissima Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi.

— *A Comedia Portugueza*, está publicado o n.º 42 d'este semanario de critica humoristica, que se publica em Lisboa, com illustrações de Julião Machado e prosa dos srs. dr. Marcellino Mesquita, Moura Cabral e Silva Lisboa.

Summario:—Suggestão do *Punch*, resposta aos insultos da imprensa ingleza, a proposito da questão Lourenço Marques (paginas do meio)—Viagem á exposição de Paris, conclusão do numero antecedente, (primeira e ultima pagina)—*Can-cans* illustrados—Notas d'um *flaneur*—Artes e Lettras.

Requisições ao nosso collega Silva Lisboa, redactor-gerente da *Comedia Portugueza*, rua Ivens, 41, Lisboa.

— Está já publicado o *Almanach dos Palcos e Salas* para 1890, que vem interessantissimo. E' illustrado com o retrato e biographia da actriz Beatriz Rente, é collaborado por distinctos escriptores, portuguezes, hespanhoes e francezes. Contém contos em prosa, poesias, cançonetas, monologos para theatro e sala, canções das mais notaveis operetas, anedoctas, epigrammas, pensamentos, etc. etc.

Em Aveiro está á venda em casa do sr. David de Mello Guimarães e do sr. Joaquim Fontes.

— *Instituições Christãs*, revista quinzenal religiosa, scientifica e litteraria, n.º 2 da 2.ª serie do VII anno.

— Para as festas que em Santhiago de Compostella, Hespanha, se celebram desde 24 até 28 do corrente, recebemos um bello programma, em folheto, com a descripção exacta do que serão esses ruidosos festejos.

— *O Anno Christão*, ou exercicios devotos para todos os domingos, dias de quaresma e festas moveis, pelo padre João Croiset, caderneta n.º 64 do 5.º volume.

Transcripção. — São do *Jornal do Povo* de 24 as seguintes noticias:

Festividade de La-Salette.—A junta de parochia d'esta villa, em sessão extraordinaria de hontem, resolveu fazer a festividade de Nossa Senhora de La-Salette, nos dias 17 e 18 do proximo mez de agosto. A festividade realisar-se-ha, em ambos os dias, na montanha junto da ermida da Virgem, com a mesma pompa, com que alli se tem realisado nos annos anteriores. O local do festejo será convenientemente ornado com uma profusão de bandeiras, arcos para illuminação, plinthos, etc. Na noite de 17 haverá uma brilhante illuminação, muito fogo d'artificio, preso e do ar, do mais deslumbrante effeito, e aereostato e duas bandas de musica. No dia 18 continuará o arraial, havendo de manhã a celebração da missa na capella da Virgem, sermão, etc. e á noite haverá nova illuminação, fogo de artificio, aereostatos, tocando as duas bandas de musica.

A junta de parochia, por proposta do vogal, sr. João da Silva Praça, resolveu por unanimidade, designar um dia certo para a realisação da festividade, sendo escolhido para isso o segundo domingo do mez de agosto. Resolveu dar a esta resolução a maior publicidade, para que chegue ao conhecimento de todos.

Uma cobra monstra.—Alguns louvados judiciaes d'esta comarca, que foram hontem á freguezia de Fajões em serviço de avaliação, encontraram no caminho uma cobra que media no seu comprimento 2,"5, e na sua espessura, (a parte mais grossa) 13 centimetros. O reptil foi morto por um dos louvados, que ia armado de bordão. E' muito raro apparecerem, cobras d'aquelle tamanho entre nós. Quando se encontra uma cobra, de metro, já se lhe chama *respeitavel*.

Assassinio de um parocho.—A freguezia do Pinheiro, proxima da villa de Oliveira de Frades, acaba de ser alvoraçada por um crime horrivel.

Sexta-feira de manhã, appareceu morto no leito, o padre Serafim Pereira Gomes de Pina Nazareth, abbade da freguezia. Na vespera á noute, o padre tomara uma pequena refeição e recolhera ao seu quarto, fechando todas as portas e descendo as vidraças, excepto uma que fica muito proxima do cimo das escadas que dão ingresso para a sala de visitas. A sala tem communicação com o seu quarto; a porta d'este ficou apenas cerrada. O abbade era muito cauteloso na segurança da sua pessoa e bens, mas, em virtude do calor d'estas noutes de verão, deixava, ás vezes, uma janella aberta. O ladrão, ou ladrões, depois de escalarem o quintal, penetraram no quarto pela janella, munidos, além de outras armas, de um grosso cacete de castanheiro, que tinham encontrado junto ao lagar do vinho. O abbade Serafim dormia profundamente, no primeiro somno. Os facinoras accenderam a vella do quarto, e vibraram tal paulada na cabeça do bondoso sacerdote, que o mataram instantaneamente. Em seguida, com um formão e um martello, arrombaram cinco gavetas e um bahú, roubando o que alli havia. Dos bolsos tiraram-lhe o relogio e corrente de ouro. Evadiram-se depois, pela mesma janella por onde tinham entrado. Alta manhã, depois da rega do quintal, a creada, surprehendida de que o abbade Serafim, contra o seu costume, estivesse ainda recolhido e de que o sino do presbiterio não tivesse tocado á missa, dirigiu-se ao quarto do seu patrão e defrontando com aquelle horrivel quadro, desatou a gritar desesperadamente por soccorro. Acudiu logo muitissima gente, que entrou no quarto do abbade, encontrando os lençoes, o catre, o soalho, tecto e paredes—tudo coberto de sangue! Por diversos vestigios, descobriu-se n'um colmado, em frente do quarto, o logar d'onde os faccinoras estiveram espiando os passos do infeliz presbitero. As auctoridades de Oliveira foram immediatamente levantar o auto do corpo de delicto.

O abbade Serafim Pereira Gomes de Pina Nazareth era natural de Sequeirô, e contava cêrca de 60 annos de idade. No testamento que deixou, institue principal herdeira a sua sobrinha D. Luciana, de Sequeirô. Deixa tambem alguns valores ao seu sobrinho dr. Agostinho Nazareth a sua corrente e relogio, que os ladrões roubaram, e a livraria. Determinou que por sua alma se rezem 200 missas e 60 pelos seus parentes proximos. Deixa a duas donzellas pobres, das freguezias de Pinheiro e Arcozello da Maia, onde fôra parocho, duas inscripções, devendo as legatarias contrair matrimonio no praso de um anno depois da morte do testador. Uma mesa de Castanho, que tinha na sua quinta de Ugeira, ficará com ella o seu sobrinho Antonio, dando tudo o que esteja dentro das gavetas, excepto os papeis, a sua sobrinha D. Luciana. Muito mais contém o testamento, mas não podemos colher, senão isto. Constava que o abbade de Pinheiro possuia grande fortuna, pois que era economico e trabalhador, e corria mesmo que tinha sempre bastante dinheiro em casa, o que motivou o attentado. Era um sacerdote exemplar, muito rigoroso no cumprimento das suas obrigações religiosas e sociaes. O funeral celebrou-se no domingo. As auctoridades tratam de indagações minuciosas. Os perpetradores de tão barbaro assassinio conheciam bem a casa e o meio em que se metteram. Deixaram apenas por abrir uma gaveta onde estavam o testamento e quinze libras.

Noticias d'Almeida—Deu-se aqui ha dias um lamentavel acontecimento, que impressionou dolorosamente os habitantes d'esta villa, pouco habituados a presencearam scenas sempre repugnantes de suicidios. O guarda da fiscalisação externa Encarnação Paiva, morador na rua do Arco, poz termo á existencia descarregando uma clavina carregada com bala, que lhe fez voar em estilhaços toda a caixa craneana, mosqueando de salpicos de massa encephalica ensanguentada as paredes e tecto do estreito quarto de dormir, theatro do lugubre acontecimento! Era um homem baixo, robusto, cheio de vida, vivendo bem com os proventos do seu logar de empregado fiscal, contando alem d'isso com os recursos advindos da boa administração d'uns bens que possuia. Vivia perfeitamente quanto a haveres, mas não assim, segundo nos informam, na vida domestica visto a mulher ser muito ciumenta. Muitas vezes o pobre homem recolhendo mal humorado das canceiras do serviço, em vez dos carinhos da esposa, encontrava máos tractos d'esta, exprobando-lhe em phrases azedas e irritantes umas suppostas infedilidades conjugaes, que o infeliz estava longe de haver commettido. Ultimamente parece que o seguia, como sombra, para onde quer que o homem se voltasse, e com tanta insistencia se repetia a espionagem, que o desgraçado acabou com tudo pondo termo á existencia. Lamentavel! Felizmente não deixou filhos na orphandade, e apenas a mulher, n'um desespero sem remedio, prantea agora com as lagrimas amargas da viuvez a enorme desventura para onde as suas exaltações e temperamento atrabiliario tão descaroavelmente a impelliram!

Despachos de fazenda.—Fizeram-se os seguintes:

Joaquim Pimentel de Mello, escripturario de Coimbra, em commissão como escrivão de Penella, transferido para Penacova.

Adelino Viriato da Costa, idem de Penacova para Penella.

Adrião Lagoa, idem de Santarem, para Leiria.

Em commissão como escrivão de Pedrogão Grande, Lopes Bettencourt, official de Coimbra.

O escrivão da Figueira, transferido para identica commissão em Coimbra.

Manuel Martins da Graça, escripturario em Felgueiras, para a Maia.

Augusto da Silva Maia, idem de Carrazeda de Anciães, para Gaia.

Antonio da Costa Pereira, idem de Horta, para Evora, e em commissão, escrivão de Portel.

Borges Pinto, idem de Villa Real, em commissão como escrivão de Penaguião, para egual commissão em Baião.

Gomes da Rosa, idem de Portel, transferido para Villa Real e escrivão em Penaguião.

Quadros Côrte-Real, do Porto para Santarem.

Marques Ferreira, Luciano Figueiredo, Madeira, Coimbra, aposentados.

Alves Pinto, de Azambuja, para Porto Santo.

Pereira Rodrigues, de Serpa, demittido.

Nomeado amanuense das contribuições directas, Matheus Vasco de Carvalho.

Os nossos vinhos em Paris. — Um correspondente de Paris dá as seguintes informações ácerca da nossa exposição de vinhos:

«Depois de terem provado os vinhos de outras procedencias, como a França e a Algeria, a Italia, a Hespanha, a Hungria a Australia, a Russia, o Brazil, a Servia, etc., os jurados vieram, emfim, a Portugal em numerosa concorrencia e começaram a primeira sessão galhofando e dizendo que iam por ultimo lavar a bocca com a prova dos vinhos do Porto. Em breve, pois, veremos o resultado das provas. Emquanto que o jury vai disputando e classificando os nossos vinhos, por ora em segredo, o publico que passa pelo *lar de dégustation*, que fica contiguo á sala onde se expõem os vinhos do Porto, tambem prova e classifica o seu calix do Porto, que uma galante franceza, trajando o fato vistoso das camponezas (collete de raminhos cingido, lenço amarello de franja, trespassado no peito, *arrecadas* nas orelhas e grilhão de ouro ao pescoço com seu grande coração pendente), alli serve continuamente a 25 e a 50 centimos o calix, a meio franco as pequeninas garrafas de amostra. Do resultado d'estas ultimas provas póde-se logo saber, por quanto o publico, saboreando o vinho, classifica-o sempre de *très bon*. Muitos repetem a dóse e alguns vêem d'alli ter comigo ao *bureau des renseignements*, perguntar se d'esta ou d'aquella qualidade se lhes póde fraccionar uma pipa, um barril, uma caixa. Esta é a venda a miudo que aqui se faz; e se o gosto pelos nossos vinhos se fôr assim generalisando; se o publico, por meio d'este systema de propaganda, fôr aprendendo a conhecer a differença entre o authentico Porto e as falsificações de Hamburgo, de Bercy e de Cette, e ganhando noções do que é, emfim, esse «Porto», bem póde ser que as fabricas de vinhos do Porto em Hamburgo e em Cette percam uma parte da sua clientella. O pavilhão portuguez, e, principalmente a sala da Associação Commercial do Porto, talvez por ficar no 1.º andar, continúa a ser o ponto de reunião de muitos dos nossos compatriotas que visitam actualmente a exposição universal. E todos quantos passam alli, portuguezes, ou estrangeiros, são unanimes na opinião de que a nossa exposição vinicola se acha muito bem installada, dando-lhe um grande realce a decoração artistica que a reveste. Hontem tiraram-se photographias do pavilhão, exteriores e interiores, as quaes em breve poderão ser ahi apreciadas. A collocação das garrafas que vieram d'ahi, por intervenção da Associação Commercial, foi feita de modo que as principaes casas commerciaes de vinhos d'essa cidade figurrm separadas umas das outras, em exposições parciaes, o que dá muito boa idéa da importancia de cada exposição e da variedade de marcas ou amostras que cada expositor apresenta. Emfim, creio que nos poderemos felicitar com o exito da abertura da nossa exposição vinicola. Eu já percorri e observei minuciosamente as exposições dos outros paizes vinicolas, da França, da Italia e da Hespanha, principalmente, e nenhuma se apresenta bem como a nossa.»

Hespanha e Portugal.—As colonias de Hespanha na Africa, America e Oceania, teem uma superficie de 429:120 kilometros quadrados. As possessões de Portugal na Africa, Asia e Oceania teem uma superficie avaliada em 1.865:220 kilometros quadrados, segundo uma estatistica franceza recente, em que a area da Africa portugueza vem calculada muito por baixo. A Hespanha não tem colonias na Asia, nunca as teve. Portugal não tem colonias na America, mas foi alli exactamente que teve o seu mais vasto dominio. Portugal teve um imperio colonial, que se avalia em cerca de onze milhões de kilometros quadrados e está reduzido a menos de um quinto. A Hespanha teve um imperio ultramarino de pouco mais de oito milhões de kilometros quadrados, o qual está hoje em menos da vigessima parte do que foi. Teve sempre menos dominios que nós, e perdeu immensamente mais em relação ás nossas perdas. A superficie total da nação hespanhola é de 936:165 kilometros quadrados; a da monarchia portugueza é de kilometros 1.960:069. Quer dizer, em extensão, a nação portugueza tem mais do dobro da nação hespanhola.

Palavras de paz.—O general Bronsart Schellendorf, ex-ministro da guerra allemão, e actualmente chefe do corpo de exercito prussiano que guarnece o territorio fronteiro á Russia, pronunciou na quarta-feira á noite, no fim d'um banquete, um brinde muito significativo, e do qual eis as phrases principaes: «Não creio que a guerra esteja proxima apesar do muito que se falla n'ella e das inquietações que, segundo parece, ha em outras partes e mesmo n'este territorio. E muito desejo que as minhas palavras tenham a maior publicidade para que a população da fronteira recobre a tranquillidade e se acalmem os animos.» Estas palavras do ex-ministro da guerra teem verdadeira importancia pela posição que o general Bronsart Schellendorf occupa na côrte e na milicia.

As manobras navaes na França. — Começaram na bahia de Danarnenez as manobras da divisão couraçada da Mancha. Na semana passada, e durante a noite de quinta para sexta-feira, doze torpedeiros, apoiados pelos guarda-costas *Tempête* e *Tonnant*, fizeram reconhecimentos e exercicios em aguas francezas. A's tres da tarde do dia 23, a divisão do almirante De Boissondy appareceu na bahia. A' meia noite, houve simulacro de combate e projecções electricas, que duraram até ás duas da madrugada. As manobras comprehenderão simulacros de bombardeamento dos fortes e das baterias estabelecidas no littoral, entre Toulon e Hyères, bem como tentativas de desembarque nas praias visinhas. O ataque será feito pela esquadra do contra-almirante O'Neill, reforçada por onze torpedeiros da defeza mobil. Os fortes, as baterias e a costa serão defendidos per tropas mobilisadas. O vice-almirante Duperré, prefeito maritimo, acompanhado pelo general Constan, dirigirá as operações de defeza do porto e do littoral.

As duas maiores expedições.—As duas maiores expedições que têem saido da peninsula iberica foram a expedição exclusivamente portugueza para a conquista de Ceuta, que era a Gibraltar do seculo XV, e a *Invencivel Armada*, composta de esquadras e tropas de Hespanha, Italia e Portugal. Ainda assim, para a expedição de Ceuta, apesar de ser armada por uma nação pequena, o corpo de tropas de desembarque era muito maior que o da *Invencivel Armada*. Do Tejo sairam 220 navios com cincoenta mil homens. Fez hontem precisamente 474 annos. Ceuta foi a nossa primeira conquista no ultramar. Hoje é hespanhola e é uma decadencia. Os hespanhoes não nol-a tomaram. Com a metropole, cairam tambem as colonias sob o dominio da Hespanha. Quando a metropole se emancipou, todas as colonias secundaram o grito da revolta, menos Ceuta. Era, principalmente, uma praça de guerra. Com a mudança de guarnição mudára a nacionalidade. Está defronte de Gibraltar, foi e pedia voltar a ser a Gibraltar da Africa, mas, felizmente, não a vemos de Portugal e está em terra que foi das nossas conquistas, mas nunca foi da nossa patria.

Grandes couraçados—A Russia vae construir um couraçado maior que os couraçados italianos *Dandolo* e *Lepanto*. Será de 11:000 toneladas e denominar-se-ha *Russia*. Pois sim, mas o couraçado *Italia* é ainda maior. E ha duvidas sobre as vantagens d'estes monstros, que manobram difficilmente e não podem entrar senão nos grandes portos. São como baleias, mas um outro couraçado de menor lotação, mais veloz, de grossa couraça e com dois canhões apenas dos maximos calibres póde feril-os mortalmente, como o espadarte fere a baleia. Actualmente o maior couraçado do mundo é italiano. Ha tres seculos o maior navio de guerra de todas as esquadras era portuguez; era aquelle enorme galeão de 360 canhões de bronze, que auxiliou os hespanhoes, forçando a Goleta de Tunis, cortando com o seu talha mar d'aço, similhante ao esporão dos monitores, as grossas correntes de ferro que defendiam a Goleta. E foi construido alli em baixa na *Ribeira das Naus*, a bem pouca distancia dos estaleiros onde hoje apenas se fabricam umas canhoneirasitas!

Caminho de ferro sem rodas.—Acaba de se fazer a primeira experiencia d'este novo invento, verdadeiramente maravilhoso, assistindo a ella os principaes engenheiros de Paris. Este genero de locomoção, desconhecido até hoje, não exige vapor, nem carvão, nem sequer locomotiva, e no entanto o inventor assegura que o comboio poderá ter uma velocidade de 200 kilometros por hora. A linha em que se fez a experiencia tem 300 metros. O comboio formava-se de seis carruagens descançando sobre uma especie de patins, com os quaes deslisam sobre os rails. Estes patins são constituidos por caixas estreitas e baixas de quarenta centimetros de comprido por vinte de largo, as quaes descançam sobre rails planos. Estas caixas são ócas e abertas pela base e recebem por meio de canaes uma corrente de agua comprimida, a qual vem do primeiro wagon. Para isto ha uma chave especial. A' medida que a pressão augmenta, os patins e com elles os wagons levantam-se meio millimetro. Então forma-se uma tenue capa de agua entre o patim e a via, innunda o rail e o comboio deslisa esta superficie aquosa interposta entre elle e os rails. Para parar, o machinista fecha a chave, a pressão da agua cessa, o patim vasio adhere-se á via e o comboio pára immediatamente sem choque, sem esforço e sem freio algum, cedendo só ao seu proprio peso. Para subir, o impulso do comboio faz-se mediante columnas de agua que a uma forte pressão sáe dos tubos fixos na via, os quaes se abrem automaticamente á passagem do comboio. Estas columnas de agua actuam sobre uma turbina rectilinea fixa por baixo das carruagens em toda a sua longitude. A pressão póde variar de 10 a 20 kilos e dá uma velocidade de 140 a 200 kilometros. Depois da passagem do comboio, a agua é recolhida em receptaculos e póde servir para os comboios seguintes. D'esta fórma o gasto da agua é insignificante. No movimento dos wagons, não ha o menor balanço, nem o mais pequeno barulho. Este invento pertence a um engenheiro Girard, que morreu antes de fazer experiencias sérias, que agora poz em pratica o seu socio outro engenheiro chamado Barro. Os jornaes de Paris fallando a proposito do caminho de ferro sem rodas prevêem já nova revolução nas vias de communicação. Ver-se-ha.

Eclipse total do sol.—No programma dos acontecimentos sideraes está annunciado uma magna importancia para os habitantes da terra; um eclipse total do sol, que deverá dar-se no dia 22 de dezembro proximo e para cujo estudo as nações civilisadas preparam expedições. Os Estados Unidos decidiram enviar uma expedição a Loanda, onde o phenomeno será visivel nas condições mais favoraveis. Dirigirá essa expedição o professor David P. Tod, astronomo do collegio de Amherst, Massachusetes, que deve sair para o seu destino no dia 1 de outubro acompanhado de um numeroso contingente de auxiliadores. Um d'estes, segundo se diz, será Mr. Joseph Russell, de Washington, summamente habil na photographia solar. Tambem se diz que a expedição irá embarcada no navio de guerra *Baltimore*, cujo casco já está terminado e deverá fazer a sua viagem de experiencia no proximo mez.

Um cavallo historico.—Morreu em Cincinnati, com 37 annos, o velho cavallo de batalha do general Bukland. Fizeram-se-lhe funeraes, com honras militares; e com a assistencia de todos os antigos combatentes da guerra da successão.

As vasilhas do vinho azedado.—As vasilhas em que tenha azedado vinho necessitam de um tratamento energico antes de serem utilisadas; a acidez penetra facilmente na madeira e é urgente destruil-a. Primeiramente torna-se necessario enxaguar os cascos com agua quente antes de outra qualquer preparação, para d'essa fórma fazer desapparecer os vestigios do vinho azedo, vestigios que ficam adherentes ás paredes interiores. Em seguida para saturar a acidez, tomam-se 500 grammas de subcabornato de soda e depois de os dissolver em dois litros de agua a ferver, e completada a dissolução, lança-se esse liquido na pipa, a cujo saneamento se procede. Agita-se bem esse liquido e rola se a pipa—em todos os sentidos para ficarem impregnadas todas as superficies interiores com a solução de soda. Este trabalho deve ser renovado muitas vezes nas vinte e quatro horas; depois enxagua-se a vasilha. E' preferivel fazer duas lavagens com agua quente, rolando bem o casco e deixando permanecer a agua n'elle durante algumas horas; uma ultima lavagem com agua fria terminará este trabalho. Para a boa conservação da pipa depois de concluido o processo de que acabamos de fallar, basta deixar escorrer o casco, seccar interiormente e queimar a extremidade de uma mecha, e depois tapal-o bem. Quando pode dispôr-se de um gerador, lança-se na parte interior da pipa um jacto de vapor para completar perfeitamente a operação.

Marfim de batatas.—Obtem-se das batatas ordinarias um excellente marfim, mais branco, duro e resistente que o marfim natural. Para conseguir este resultado opéra-se do seguinte modo: Escolhem-se batatas grandes, sãs, que tenham poucos olhos, os menos possivel, e depois de bem lavadas e descascadas lavam-se novamente em acido sulphurico, diluido em agua. Em seguida fervem-se na mesma solução, porém substituindo a anterior por outra mais limpa, até que as batatas se tornem rijas. Antes de as retirar do lume deita-se na solução alumen diluido em agua quente. Feito isto, são lavadas muitas vezes em agua fresca, que seja pura ou distillada, para lhes tirar todo o acido, e deixam-se seccar ao ar livre, mas á sombra. Esta especie de marfim póde tingir-se da côr que se quizer, e fazer d'elle variados objectos, porém pequenos. E' susceptivel do maior polimento, porque é mais compacto que o marfim natural, e como este póde ser torneado e d'elle fazerem-se bolas de bilhar, e bem assim outros objectos.

OS GRANDES E OS PEQUENOS

O nosso collega *O Globo* indica ao *Punch*, a proposito da grosseira caricatura com que aquelle jornal inglez nos affrontou, um livro inglez ácerca da guerra entre a Inglaterra e a Abyssinia, em 1867. O author d'esse livro, tratando da poderosa expedição de sir Robert Napier e louvando os sacrificios do exercito inglez atravez d'aquelle asperrimo paiz, não poude esquecer que foi do *pequeno Portugal*, da *pequena nação de heroes*, a primeira expedição militar de europeus ás terras da Abyssinia. O historiador inglez confessa que a expedição ingleza de 1867 não póde comparar-se em arrojo á expedição portugueza do seculo XVI. E disse a verdade. E' bem apontado esse feito epico do *pequeno* Portugal. Pela nossa parte acrescentaremos, como commentario:

A Abyssinia do *negus* Theodoro II, a de 1869, era uma enorme decadencia e uma fraqueza em relação á Abyssia do *negus* Claudio, a de 1541.

A expedição portugueza de D. Christovão da Gama, sem depositos de viveres, sem meios de communicação, sem poderosa artilheria, *sem viaturas*, sem cavallaria e sem nenhumas commodidades, compunha-se apenas de 500 homens com tres pequenas peças de artilheria.

Esta expedição, sem engenheiros que lhe abrissem caminhos, atravessou o paiz abyssinio, venceu todas as difficuldades do terreno, apesar dos seus pesadissimos armamentos, derrotou em tres batalhas o scheik de Zeilá, venceu depois o proprio *negus* Claudio, que se voltára contra os seus auxiliadores, e bateu os Gallas.

Aquelle punhado d'homens salvou a independencia da Abyssinia. Tinham a tempera d'aço das suas epicas espadas aquelles soldados!

Agora a expedição ingleza, que sahiu de Bombaim a 16 de setembro de 1867, sob o commando de sir Robert Napier, depois lord Napier de Magdala, por uma victoria, em que os abyssinios fugiram.

Antes da expedição partir, o coronel Meressether tinha reconhecido a enseada de Annesley e os engenheiros que o acompanhavam haviam construido os primeiros caminhos para a artilheria. A expedição compunha-se de 14:000 homens e 5 baterias de artilheria, sendo 4 regimentos de infanteria ingleza e 10 de cypaios, 2 esquadrões de dragões, 4 de cavallaria da India, 5 baterias, 1 companhia de sapadores europeus e 9 companhias de sapadores indios. Tinha 2:500 cavallos de sella, 16:000 muares, 1:600 cavallos de carga, 6:000 cavallos, 18:000 jumentos, 7:500 bois e 44 elephantes.

Os empregados da administração militar, os creados, conductores e serviçaes chegavam ao numero assombroso de 27:000:

Pois esta poderosa expedição, que levava na sua frente quem lhe fosse abrindo estradas e construindo caminhos de ferro; que teve o auxilio do chefe rebelde Kassa, quasi se póde dizer que apenas soffreu o sacrificio de marchar. Em 10 de abril de 1868 os abyssinios fugiam deante d'ella, depois de um breve tiroteio; a 17 entrava em Magdala, emquanto os soldados de Theodoro fugiam como gamos.

E a *grande* Inglaterra tem orgulho d'aquella campanha, e o *pequeno* Portugal não hade envaidecer-se com aquelle punhado de soldados verdadeiramente epicos?

Que extraordinarios homens tem tido este paiz, que os chatins diffamam pelo mundo!

CARTA DE LISBOA

29 DE JULHO DE 1889.

O sr. Jayme Batalha Reis, um talento culto e brilhante, um dos funccionarios consulares que mais zela e exalça o prestigio do seu paiz tem publicado nos jornaes inglezes uns primorosos artigos, reivindicando a gloria dos nossos serviços á civilisação e repellindo as accusações calumniosas da imprensa britanica. Ultimamente publicou um estudo precioso ácerca do Nyassa e das explorações dos portuguezes nas terras d'esse lago, que fomos os primeiros a revelar ao mundo, sob o nome de *Maravi*. O estudo do sr. Batalha Reis tem sido altamente apreciado pelos mais celebres geographos e historiadores estrangeiros, e foi transcripto no *Scottish Geographical Magazini*, na *Mitteilungem* e na *Revue Scientifique de Paris*. Aqui está um homem que se envaidece com a sua pequenina patria, e que nos envaidece a nós pelo seu lucido talento e acrisolado civismo.

— E' do *Dia* a justa apreciação que segue:

«O sr. presidente do conselho acompanhou hontem o cadaver de Antonio Pedro desde casa até ao cemiterio. Fez muito boa impressão esta sua homenagem á arte dramatica e ao artista que tanto a illustrou. O pranteado artista já devia, porém, outra mercê ao sr. José Luciano; devia-lhe a sua aposentação. Antonio Pedro não tinha geito nenhum para pretendente; não sabia pretender, e não por altivez, mas por excesso de acanhamento. Andou por ahi tempo immenso fiado em protecções que se lhe offereciam mas nenhum valimento tinham, até que alguem lhe deu o bom conselho de procurar o presidente do governo. O pobre homem, porém, não podia resolver-se a tamanha *ousadia*; oppunha as mais extraordinarias objecções:

«Se aquelle senhor não me conhece! Quer lá saber de mim! E elle tratar-me-ha bem? Mas eu não sei fallar com pessoas tão altas!»

Afinal lá foi, muito encolhido, a estudar phrases de supplica que provavelmente não conseguiu articular; mas voltou encantado, radiante.

O sr. José Luciano tinha-o recebido promptamente e com a maior lhaneza: havia o animado, quasi que fallára por elle.

«E' muito dado! contava elle aos amigos; muito boa pessoa! Eu não imaginava que os ministros fossem tão boas pessoas!»

E o sr. presidente do conselho foi realmente muito *boa pessoa* para com elle, porque lhe protegeu nas camaras a pretenção, que sem isso talvez tivesse ficado embargada».

— O *Tempo* de sabbado, publica os seguintes pormenores da vida do auctor do attentado contra o imperador do Brazil:

«Os jornaes da tarde deram hontem noticia d'um telegramma recebido no ministerio dos negocios estrangeiros e no qual o nosso representante no Rio de Janeiro indicava o nome e a naturalidade do auctor do odioso attentado contra S. M. o Imperador D. Pedro II. Chama-se elle *Adriano Augusto do Valle*, e é natural de Caminha. Esta noticia, comquanto seria importante, não satisfez completamente a anciedade geral que havia de saber as circumstancias em que se deu o attentado e o mobil a que obedecêra o seu auctor. Já agora, resignem-se os leitores a esperar mais alguns dias pelo paquete do Brasil, onde devem vir os jornaes do Rio de Janeiro, que relatarão circumstanciadamente o caso. Logo que soubemos o nome do criminoso, procurámos informações a seu respeito. Telegraphámos para Caminha, terra da sua naturalidade, mas pouco colhemos d'ali. Procurámos então em Lisboa alguem de Caminha, que conhecesse o auctor do attentado; e, só depois de extraordinarios esforços, é que finalmente podémos encontrar pessoa que nos désse as informações que em seguida publicamos:

Adriano Augusto do Valle é, como dissémos, natural de Caminha. Deve ter hoje aproximadamente 40 annos de edade. E' filho de Antonio do Valle, que foi thesoureiro da alfandega de Valença, e alli conhecido pela alcunha do *Canito*, que lhe pozeram por ser de pequena estatura. E' casado com uma senhora, chamada Izabel, filha d'um commerciante de Caminha, conhecido pela alcunha de *Major*, e que alem d'essa filha tem ainda outras. Adriano do Valle foi, durante alguns annos, recebedor da comarca de Caminha. Uma vez, viu-se alcançado para com a fazenda publica na quantia de novecentos mil réis aproximadamente. Essa quantia foi paga pelo pae. Depois d'isso, ha perto de quinze annos, é que Adriano do Valle deixou o emprego, e resolveu embarcar para o Brazil, deixando a mulher, duas filhas e um filho entregues aos cuidados de um medico da localidade, e que era seu amigo. Durante muito tempo, mandou elle á mulher uma mezada de trinta mil réis, para sustento d'ella e educação dos filhos. Logo que o filho chegou á edade de poder trabalhar, embarcou tambem com destino ao Brazil, tencionando ir para outra terra e não para o Rio de Janeiro, onde o pae se achava. Este, quando soube da chegada alli do filho, foi ter com elle, dissuadiddo-o de sahir da capital, e instando para que ficasse a viver na sua companhia. O rapaz, muito instado, acceden. Foi então que elle fez ao pae as mais lamentaveis revelações sobre o procedimento irregular da mãe, que mantinha relações com o medico. Ao saber aquillo, Adriano do Valle teve um immenso desgosto, e desde então suspendeu as mezadas que enviava á familia. Esta suspensão principiou ha perto de um anno, que foi a epocha em que o filho chegou ao Rio de Janeiro. Durante todo o tempo que Adriano do Valle viveu em Caminha, era muito estimado. Reconhecido como um dos rapazes mais intelligentes da terra, era elle a quem se dirigiam sempre os capitães dos navios, quando precisavam de resolver quaesquer contas. Alem de ser intelligente, tinha outras qualidades que o tornavam muito sympathico e bemquisto de todas as pessoas que o conheciam. O vicio do jogo, e o amôr pela vida airada, porém, absorviam-lhe todas as suas economias, e foi ainda o jogo quem o levou a desviar dos cofres publicos a somma em que se alcançou. Consta-nos que o auctor do attentado tem um irmão, que, durante algum tempo, fôra tambem escrivão de direito no Cartaxo, (se nos não enganamos) e contra o qual foi em tempo levantado um processo, sendo demittido do logar, mas mais tarde reintegrado. O pae esteve por essa occasião muito tempo em Lisboa, solicitando dos influentes do partido regenerador, que então estava no poder, essa reintegração, que afinal obteve. Eis o que até hoje podêmos averiguar, no proposito de bem informarmos os leitores do *Tempo*. E' claro que não garantimos como absolutamente exactas todas estas informações, que nos forneceu a pessoa que procuramos.»

Mais informações relativas a Adriano Augusto do Valle, o auctor do attentado contra S. M. o imperador do Brazil. Adriano nasceu em 1868, na villa de Caminha, onde esteve até á edade de 14 annos em companhia de sua mãe, indo n'essa edade para a cidade do Porto, afim de seguir a carreira commercial. Demorou-se, porém, ahi pouco tempo, regressando a Caminha. Passados alguns mezes, partiu para Montevideu, mas, como o navio aportasse ao Rio de Janeiro, onde residia seu pae, este, sabendo que o filho estava a bordo, foi buscal-o, levando-o para a sua companhia, até que o empregou n'uma casa commercial. Ultimamente, constou em Caminha que o pae, em vista do seu mau procedimento, o abandonou, não fazendo nenhum caso d'elle. Está autoado como refractario ao serviço militar, devendo o seu julgamento effectuar-se no dia 1.º de agosto proximo. O avô paterno de Adriano Augusto do Valle era muito considerado em todo o districto de Vianna do Castello, em razão de se lhe attribuir o haver tomado uma parte muito activa na tomada da praça de Valença, pelas tropas fieis á rainha D. Maria II, que desembarcaram em Vigo, seguindo por terra até á fronteira, e assenhoreando-se, sem a minima resistencia d'aquella praça, a qual ficou dirigida pelo conselheiro Pereira dos Reis. Consta que Adriano soffre de uma adiantada affecção pulmonar.

— O sr. general Sá Carneiro tem visitado os quarteis dos corpos da guarnição. Em caçadores 5 fez uma allocução ao regimento, recordando as tradições brilhantes do corpo e do exercito, censurando o procedimento dos que enxovalharam a farda associando-se á vadiagem e promovendo arruaças e lamentando umas *rivalidades absurdas*, que nem chegam a ser um exagero do espirito de corporação. As rivalidades comprehendiam-se no empenho de cumprir os deveres militares, de honrar o exercito, de defender o paiz, mas rivalidades que fossem emulação e incentivo, sem exclusão da confraternidade militar, e não a rivalidade rancorosa e hostil, que põe como adversarios soldados do mesmo exercito. Que se queixassem legalmente, e seriam attendidos os que se julgassem affrontados nos seus brios ou feridos nos seus direitos. Fallou energicamente o sr. general Sá Carneiro. Pois fez hontem 81 annos. E' da antiga tempera.

— Mais uma victima a quem os loucos amores por uma *camarera* lançaram na senda do crime, annullando todo o seu futuro e manchando o nome d'uma familia honrada, cujo chefe morreu ha dois para tres mezes, esmagado pelos desgostos e pela perda moral d'um filho, a quem não póde abraçar á hora da morte. Trata-se de Luiz Barros da Cunha, accusado do crime de burla, e que ha dias respondeu no tribunal do 2.º districto, em audiencia de jury presidida pelo sr. dr. Firmino João Lopes. Sendo caixeiro da firma O. Herold & C.ª, na rua dos Fanqueiros n.º 19, onde vencia um magro ordenado que não lhe chegava para satisfazer os caprichos do seu idolo, imitou as firmas do patrão e do caixa da casa, o sr. F. Saverland, e, por meio de recibos, recebeu varias quantias,

que gastou em passeios, e prendas com a amante. Descoberto o crime, foi logo preso e remettido para o juizo, apprehendendo-se-lhe ainda, em seu poder e no da hespanhola, alguns objectos de valor, que o queixoso recebeu por terem sido comprados com dinheiro seu. Encarregou-se de o defender, com procuração nos autos, o sr. dr. Lopes Vieira. O jury, por maioria, deu o crime como não provado. o que importou a absolvição do réu. Foi deveras commovente este julgamento. Uma das notas que colhemos e que mais grata impressão nos deixou, foi a generosa dignidade com que o queixoso, o sr. O. Herold, declarou em pleno tribunal perdoar ao seu ex-caixeiro o crime a que uma louca paixão o arrastara. Fel-o e disse-o d'uma maneira lão levantada, que enthusiasmou o auditorio. O accusado, depois de ouvir ler a sentença que o absolvia, correu a ajoelhar-se aos pés do sr. Herold, querendo beijar-lhe a mão, no que este não consentiu, erguendo-o, abraçando-o, e dando-lhe bons conselhos. Um verdadeiro homem de bem e um dos caracteres mais nobres que temos visto. Os espectadores estavam commovidos e a alguns vimos correr as lagrimas. A' sahida do tribunal o sr. Herold foi abraçado e comprimentado por muita gente, que o applaudiu pela sua generosidade.

Y.

CARTA DE FOZCOA

29—7—89.

Como annunciára, teve logar no dia 28, por 3 horas da tarde, na egreja matriz d'esta villa, a eleição da mesa que ha de administrar os fundos pertencentes á confraria de Nossa Senhora da Veiga. Sahiram eleitos os seguintes irmãos—Srs.:

Abbade Antonio Augusto d'Almeida, para juiz;

Visconde de Villa Nova de Fozcôa, para thesoureiro;

Alberto Antonio Carrapatoso, para secretario;

Francisco Antonio Ferreira, José Ribeiro da Cruz, José Maria Saraiva Caldeira e Antonio Joaquim Tavares para vogaes.

Folgamos deveras com tão acertada eleição e escolha. A nomeação dos cavalheiros que acabamos de enumerar para mezarios da confraria de Nossa Senhora da Veiga, tira todo o pretexto a essa cohorte de saltimbancos e malvados, de conspurcar com a sua baba nojenta a reputação da irmandade e dos individuos eleitos. Não ha nada que justifique um procedimento tão escandaloso e perverso como o dos regeneradores d'este concelho. Sempre o fel no coração. Sempre o azedume da politica em todos os seus actos, sempre a inveja, sempre a calumnia. Convidaram-se para mezarios; não acceitaram. Este convite teve simplesmente em mira mostrar ao povo de Fozcôa que a politica não entrava em tão piedosa quão util associação. A regeição a esse pedido foi uma declaração franca e sincera de que os regeneradores attribuem essa irmandade á politica; desejam exterminal-a por esse caminho trilhado de inveja, de ambição e de facciosismos.

Querem o seu exterminio porque assim lhes convém ás suas algibeiras. Será tarde que os seus desejos se satisfaçam. O povo fozcoense convenceu-se da utilidade d'esta associação legalmente conotituida. Tudo o mais que depois d'ella se organisar, é um roubo descarado, uma fraudulencia.

Confiamos, pois, que tudo correrá harmonica e solidamente. Se a respeito d'este assumpto, temos ás vezes empregado linguagem virulenta e esmagadora, é porque, censurando aspera e severamente os actos d'essa primitiva associação secreta, d'essa *cotterie* d'esbanjadores dos dinheiros sagrados, desejamos com todas as veras do nosso coração, que esta piedosa confraria continúe marchando no verdadeiro caminho da equidade, da justiça, da honra e da dignidade. Assim o esperamos.

— Um incendio devorador destruiu hontem um palheiro do sr. José Salvador, fronteiro á sua casa. E' já a terceira vez que este sinistro se repete.

— Não foi por esquecimento que deixámos de transcrever as minutas do aggravo no processo do assassinato do infeliz dr. Silvano. Razões ponderosas obstaram a essa nossa resolução. Brevemente, porém, o faremos.

— O valor dos bens do casal inventariado por obito de Cypriano Antonio Saraiva Tavares, que foi d'esta villa, é de 18 contos e tanto de reis, do que pertence a 3.ª parte aos sobrinhos do fallecido e o resto da herança a seu filho sr. Adriano Antonio Saraiva, honrado negociante do Porto, pessoa de probidade e honradez.

— Chegou hontem com atrazo o comboio da capital.

— Foi nomeado interinamente juiz da irmandade pela assembleia geral o nosso amigo sr. José Ribeiro da Cruz, dignissimo escrivão de direito e pharmaceutico n'esta villa. Logo que regresse o revd.º abbade d'esta freguezia, juiz eleito, o nosso amigo deixará de exercer. Estimamos.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

CHRONICA DE JULHO E FACTOS DIVERSOS

Situação viticola.—Este anno não ha verão: dizem os lavradores. E, realmente, até á hora em que escrevemos, ainda não tivemos esses dias ardentes, creadores de boas uvas, e que tão necessarios se tornam para espertar a vegetação de muitas vinhas, que se conservam frias e atrazadas, talvez de um mez, na sua normal vegetação.

Se assim continua, a colheita, que é pequena por todo o paiz, será muito serodia e de qualidade inferior.

Percorremos ha poucos dias uma parte da Extremadura, e tivemos occasião de observar o mau estado dos vinhedos.

Além do aspecto infezado, que tem as cepas, por falta do calor necessario ao seu regular desenvolvimento, as vinhas mostram-se recentidas com os estragos do mildiu, havendo muitas despidas de grande parte da sua folhagem, e a destruição causada pela phyloxera é verdadeiramente assombrosa.

Tomando como centro d'esta destruição Torres Vedras e Merceana onde a colheita deve ser inferior a um quinto da colheita regular dos ultimos annos, porque as searas de trigo e de milho vão substituindo já as cepas nas varzeas e nas encostas da maior parte d'esta região, a doença vae-se alastrando, com uma rapidez e intensidade extraordinaria, pelos restantes concelhos, que lhe ficam contiguos.

As vinhas succumbem d'um anno para o outro, quasi que apopleticamente, sem darem tempo de se lhes applicar qualquer meio de conservação.

A morte é rapida, e o lavrador vê-se privado, sem remedio, d'uma cultura, que lhe dava abundancia e riqueza. E' uma crise violenta porque vae passando á Extremadura, cujos proprietarios, ha annos a esta parte, viviam á larga, com o producto da vinha. Os lavradores empobrecem, e os trabalhadores já vão emigrando, em procura de trabalho, que escasseia com a destruição dos vinhedos.

Causa verdadeira e dolorosa impressão o ver tanta riqueza perdida e tantas encostas, que ostentavam formosos vinhedos, transformadas em pousio ou em searas bem pouco productivas. Os proprietarios, porém, mostram-se dispostos para a lucta, e preparam-se para a replantação com vinha americana; já se vêem novas plantações de cepas resistentes e até algumas enxertadas; todos querem prevenir-se com viveiros, mas este periodo de transicção é doloroso, porque a maior parte não ficou com reservas dos annos das *vaccas gordas*, e encontra-se já sem recursos para emprehender uma reconstituição, que é custosa.

Os desastres do mildiu, que foram importantes, hão-de prejudicar muito a qualidade da colheita pendente; felizmente as condições atmosphericas não teem agora favorecido tanto o seu desenvolvimento e propagação. A doença se não parou, parece ter deminuido de violencia, mas muito mal causou já, e de certo teremos ainda nova invasão, se o calor e a humidade reapparecerem. Tem-se empregado bastante as pulverisações com o caldo bordelez, e os resultados são bons; por isso os viticultores não devem deixar de fazer no futuro anno as applicações preventivas, antes do apparecimento do mal, porque só estas são efficazes e defendem as vinhas dos estragos d'esta terrivel doença. Teem já o exemplo; é seguil-o no futuro.

As novas plantações americanas apresentam-se com o melhor aspecto, e as enxertias inspiram a maior confiança aos viticultores.

Está na cultura das cepas resistentes o futuro das regiões que, como a Extremadura, não podem conservar, com os insecticidas, as plantações indigenas; por esta razão o desejo é grande de obter bacellos por meio dos quaes se torne a haver a antiga prosperidade.

Todos os paizes vinhateiros começam a perceber que, apezar da destruição causada pela phyloxera, a extenção que se tem dado ultimamente á cultura da vinha, determina uma grande pletora de vinho, para que não ha consumo nos mercados conhecidos.

Tal facto preoccupa, com razão, os que pensam n'estas questões economicas; e, na verdade, os vinhos baixos, communs, que são os que mais abundam n'essas novas plantações europeas, só com difficuldade encontrarão mercados. Os vinhos finos, de reputação conhecida, sempre hão-de encontrar consumidores.

Cada paiz trata de defender-se da concorrencia extranha, e procura, por todos os meios, novos centros de consummo.

A companhia vinicola do Norte tem n'este sentido um papel importante a representar, e grande responsabilidade lhe caberá, se não tratar, sem perda de tempo, de desempenhar-se da missão, a que os seus fundadores se obrigaram, e em cuja iniciativa os viticultores tão grande confiança depositaram. E' indispensavel que estabeleça o deposito commercial de vinhos em Berlim, e que emprehenda as suas transacções, para que se perceba a sua acção e influencia, porque, até hoje, a viticultura não deu pela sua existencia.

O commercio de vinhos parece ter animado um pouco em virtude do maior consummo realisado em França, e da perspectiva d'uma fraca colheita; mas este movimento é ainda insignificante para a grande quantidade de vinhos existente nas adegas, e os preços não soffreram alteração muito sensivel.

Nós continuamos a aconselhar que vendam se tiverem a quem. Não esperamos essas grandes procuras, ha tanto annunciadas, nem confiamos na boa conservação dos vinhos armazenados.

A inspecção ás vinhas de Ferreira do Alemtejo.—Como mais de uma vez tem succedido n'outras localidades, os proprietarios de Ferreira oppozeram-se á continuação das pesquizas phyloxericas, que o governo alli ordenára logo que foi descoberta a doença, por receiarem que a colheita pendente fosse prejudicada com a escava das cepas, indispensavel ás ditas pesquizas.

E' um erro que convém desfazer. A escava superficial de uma cepa, com o fim de extrahir uma ou duas raizes novas, que é onde o insecto, n'esta época, está alojado, em nada prejudica a vegetação ou producção das vinhas, seja qual fôr a estação em que este trabalho se realise. E se n'alguma occasião a pesquiza póde causar qualquer pequeno damno ás cepas escavadas, é no inverno, porque, então, a escava tem de ser mais profunda para se procurar o insecto nas raizes secundarias. Agora nenhum prejuizo póde haver, a não ser que o pessoal não seja devidamente amestrado.

Em todo o caso, os proprietarios não devem oppôr-se, antes devem estimar, e pedir inspecções minuciosas em toda a zona suspeita, porque, quanto mais cedo fôr descoberto o mal, mais tempo terão para se prevenirem e adoptarem o meio mais conveniente de lucta.

Repetimos o que aqui se disse a proposito da phyloxera em Ferreira: o primeiro trabalho urgente a emprehender, depois de tratados os fócos já descobertos com doses fortemente culturaes, são as pesquizas; e como estas devem ser minuciosas, os lavradores não devem contentar-se com o serviço dos pesquizadores do Estado:—cada um na sua propriedade deve, n'esta época do anno, investigar bem se existe ou não a doença.

A «maromba» no Douro.—N'um artigo publicado na *Agricultura Portugueza*, do sr. Palma Vilhena, agronomo em serviço na Regoa, diz-se que a *maromba* causa enormes prejuizos no Douro, e designadamente nos concelhos da Regoa, Mezão Frio e Santa Martha, a ponto de reduzir sensivelmente a colheita do anno, que se mostrava abundante, em vista da grande nascença que houve.

Os caracteres d'esta enfermidade, cuja natureza não está bem averiguada, são assim discriptos por aquelle distincto funccionario: «as folhas, primeiros orgãos em que a doença se manifesta, começam, como na anthracnose, a apresentar pequenas manchas amarelladas; os merithaes não attingem mais de 2 a 5 centimetros, e as ultimas folhas dos rebentos desenvolvem-se pouco e ficam quasi completamente privadas da côr verde normal; á medida que o mal caminha as folhas amarellecem de todo e vão-se encarquilhando até que seccam completamente. As folhas mais novas apresentam as mesmas zonas d'um verde amarellado e algumas de côr vermelha, sendo no peciolo e nas nervuras que se notam bastantes lesões que originam aquellas detormações nos orgãos aereos da planta. Dando-se estas perturbações na época da floração, torna-se esta prematura e succede, como consequencia, o completo desavinho dos cachos».

Em vista d'estes caracteres, que são analogos aos da *anthracnose deformante*, o sr. Palma Vilhena conclue que a *maromba* é esta doença cryptogamica. Parece-nos precipitada a conclusão sem que o exame microscopico descubra nas cepas com *maromba* o fungo parasitario que dá origem a esta fórma de anthracnose.

Os symptomas apontados são communs a muitas doenças da vinha, ainda mal definidas, todavia não nos repugna, antes somos inclinados a julgar identidade das duas enfermidades.

Desejariamos, porém, que officialmente se fizessem as necessarias averiguações para que desapparecessem as duvidas, que ao espirito de muitos ainda se levantam sobre a causa e natureza da *maromba*, e para que os lavradores possam empregar, sem reserva, os meios efficazes, que se recommendam contra a anthracnose.

Não é nova a idéa a considerar como uma das fórmas da anthracnose a *maromba* do Douro.

Os agronomos, que de ha annos fizeram serviço n'esta região, e particularmente o sr. Tavares da Silva, sempre se inclinaram a considerar tal alteração como de natureza cryptogamica, analoga á que origina a anthracnose, mas nunca pensaram em assim a classificar por falta dos elementos necessarios.

O anno passado o sr. M. D. Guimarães Pestana da Silva, visitando os vinhedos de Bordelais, encontrou alli cepas com os mesmos caracteres verificados nas videiras com *maromba*, a que os homens competentes davam o nome de *anthracnose deformante*, e, estudando attentamente a questão, chegou á persuasão de que as duas doenças são uma e a mesma.

Bom seria, pois, que o exame microscopico resolvesse definitivamente esta importante questão.

O principal argumento do sr. Palma Vilhena para classificar a *maromba* de *anthracnose deformante*, está no resultado obtido da applicação da cal misturado com enxofre na proporção de 1|3 até 3|5, que é recommendada no tratamento da anthracnose. Os ensaios d'esta mistura, a que se procedeu na estação ampelo-phyloxerica da Regoa e que realisaram alguns proprietarios, deram os melhores resultados contra o *maromba*.

Mas se esta doença é realmente a anthracnose deformante, como nós tambem suppomos, é incontestavel que o emprego dos meios preventivos antes da rebentação da vinha com a solução de sulfato de ferro, é preferivel a qualquer outro.

Em todo o caso a communicação do distincto agronomo, o sr. Palma Vilhena, veio lançar muita luz sobre este assumpto, e corroborar, até certo ponto, as observações anteriormente feitas pelos srs. Guimarães Pestana e Tavares da Silva que mais se teem occupado do estudo d'esta doença.

A clarificação dos vinhos com sangue.—M. Galtier, apresentou, ha pouco, á academia franceza uma memoria sobre o emprego do sangue na clarificação dos vinhos. Mostra-se n'esta memoria que, se o sangue empregado provém d'um animal atacado de tuberculose, esta terrivel doença póde ser transmittida ás pessoas que beberem o vinho assim clarificado.

Talvez se objecte que os liquidos alcoolicos de 6 a 12 graus esterlisam os germens contidos no sangue; mas M. Galtier, em resultado de variadas experiencias, affirma que o virus tuberculoso resiste por um certo tempo á acção do alcool, que póde conservar a sua actividade em misturas de agua e alcool, e portanto, nos vinhos com força alcoolica differente.

E' d'este modo que o auctor da memoria conseguiu produzir uma tuberculose lenta em coelhos, inoculando-lhes materias tuberculosas conservadas durante muitos mezes em mistura de agua e alcool.

Conclue-se d'estas experiencias que o emprego do sangue na clarificação dos vinhos póde causar graves prejuizos sob o ponto de vista hygienico.

Seria conveniente que, para afastar este perigo, houvesse o cuidado de inutilisar, nos matadouros, o sangue dos animaes tuberculosos, de modo que não podesse servir para a clarificação dos vinhos.

De resto, existem outras substancias clarificantes, cujo emprego não tem nenhum inconveniente.

A cultura da vinha na Argelia.—Esta cultura toma na Argelia um desenvolvimento extraordinario. Não ha colono que não tenha a sua vinha, e todos se animam a desenvolver e aperfeiçoar os amanhos.

Os vinhos são magnificos para o commercio de França. São muito procurados e pagos por bons preços.

A phyloxera invadiu já alguns centros vinhateiros da colonia, apesar das rigorosas medidas preventivas que haviam sido adoptadas; e tanto o poder central como as corporações locaes e as numerosas sociedades viticolas, que alli existem, desenvolvem grande actividade em conjurar o mal.

Tem-se ultimamente estabelecido muitas estações viticolas e vinicolas, que ensinam a bem cultivar a vinha, a defendel-a dos muitos insectos que a victimam, e a aperfeiçoar o fabrico dos vinhos. O pulgão desenvolve-se na Argelia d'um modo espantoso.

Em 1884 havia em producção 12:950 hectares de vinha, que produziram 378:732 hectolitros, isto é, 29 hectolitros por hectare.

Em 1886 havia plantados 24:617 hectares, dos quaes 16:580 estavam em producção e deram 397:183 hectolitros, ou 24 hectolitros por hectare.

Esta diminuição no rendimento por hectare é attribuida aos grandes desastres do pulgão e mildiu.

A producção média por hectare é, porém, superior á do nosso paiz.

A fabricação dos vinhos tende a aperfeiçoar-se d'uma maneira notavel, de modo que, em vista d'estas circumstancias, teem os viticultores portuguezes, nos colonos alegrianos, uns concorrentes respeitaveis.

F. d'Almeida e Brito.

SECÇÃO LITTERARIA

OS BRIGADORES

O meu amigo Cecilio de Souza deu-me tres franguitos, a que elle chama *brigadores*. A casa em que vivo não é grande, mas sempre chega para abrigar tres hospedes d'aquelle tamanho, n'uma gaiola, que faça as vezes de capoeira; por isso, e pelo gosto que me deu este bom amigo em se lembrar de mim, estabelecemos os franguitos em uma casinhola de junco, fizemos provisão de alimpadura, umas semeasitas para variar, agua do moringue fresquinha, arroz de Veneza e carolino para acepipe, bom ar, pouco sol, recolher cedinho, uma vida santa...

Como se adivinhasse o que se me estava passando em casa, appareceu-me, n'uma bella manhã, um patricio meu, o melhor dos homens, de Durruivos e do mundo inteiro, que tem a mania da creação e da pintura, e que tendo vindo de pequeno para Lisboa, como caixeiro, teve a satisfação de realisar o seu desejo, isto é, de estudar na Academia de Bellas Artes, e de ter muitas gallinhas, alcançando por este modo o mais raro dos bens e das venturas—realisar o ideal sonhado.

Elle a ver os franguitos e a romper logo em vivas:—Heide-os pintar, com outros, n'um quadro que estou fazendo. Hasde vel-os. Olé! Olé! Brigadores! E que bonitos! Pi...pi...pi! Olha a cristinha d'este, e a graça comedida das duas companheirinhas! Que lindos! Que amores! Que encanto! Espera lá que já te conto... Só um esboço...

E ahi larga elle a desenhar, apanhando primeiro que tudo a elegancia da fórma, a graça das attitudes; deitando a uma das frangainhas pretinha e gorda, os olhos namorados de quem estivesse a retratar uma mulher bonita...

— Tu gostas d'isto que te pellas! exclamei, maravilhado do enthusiasmo d'elle.

— Se gosto d'isto! Mas nem tu sabes dar apreço a essa frangita preta! E' uma joia! E' uma perola negra... A formosa perola negra é esta! Pi... pi... pi... O' linda! O'! donairosa! Se eu gosto d'isto! Mas, vivo d'isto e da pintura; e da pintura, por causa d'isto! Heide t'os chimpar n'um quadro!

—Tens gallinhas, tem gallos, tens creação, tens quintal?

Elle olhou-me com a expressão de quem sorri á malicia das coisas...

— Tenho um pouco mais do que quintal, meu rico amigo; — comprei uma fazenda n'um cantinho retirado da civilisação, e estabeleci, abrigado pelo arvoredo, uma capoeira e um *atelier*, tudo fechado em muros rusticos; mil variedades deliciosas de raças exoticas, procuradas e achadas sabe Deus com que trabalho, na Normandia, na Flèche, em Londres, gallinhas da Cochinchina, dos boutan, dos brahmapootros, dos dorkings... Não ha terras defesas, onde se cria caça para os reis, e onde não é permittido caçar porcos nem bacoros montezes, perdizes, veados, pôr fogos, fazer lenhas?... Pois, eu sou senhor de uma coutada d'essas, sem privilegio real nem usurpação, mercê da pechincha de haver descoberto umas terras, n'um sitio dos arredores da cidade, por onde ninguem passa. Tenho lá casaes que me sahiram a oito libras, tenho gallos de cincoenta e 60 mil reis, variedades de que não se encontra facilmente outra amostra, a não ser no poder de millionarios que tenham, como eu, paixões pelas gallinhas...

— Tens livros que tratem d'isso já se vê?

— Tenho,—para os não abrir. Em vez de explicarem o que se queira saber, embrulham uma pessoa, a poder de contradições, no que já souber.

Os livros dos homens não servem para isto, não ha outra coisa, senão aprender no grande livro da natureza, estudo anatomico dos orgãos da gallinha, suas funcções, segredo do que se lhes deve dar de comer, conforme a edade que tiverem, phenomenos naturaes...

Quanto melhor, é o campo!

A boa e santa simplicidade!

Levantar cedo, beber leite, dar milho a creação... O mais bello poema não tem nome de auctor; é o que ninguem compõe, nem escreve nem imprime, nem chega nunca a conhecer inteiro e completo! E' o poema, que o dedo de Deus escreve no coração—dos que amam a natureza, mais bonita vista do meu quintal do que d'esse teu gabinete, n'um terceiro andar, onde te encerras horas deante de um tinteiro e de um caderno de papel almasso. Anda d'ahi, vamos passear, traze os frangões para a liberdade da minha quintarola! Vamos espairecer, e fazel-os espairecer a elles! Pintal-os n'um quadro. Queres vêl-os n'um quadro? Está dito. Vamos embora todos!

E aqui fomos nós de carruagem, todos, elle, os frangãos, e eu; e qual de nós mais contente!

Passamos um dia magnifico!

Mas, á noite, não houve razões que me levassem a deixar ficar lá os frangões, e comprehendi que haja gente a quem as artes assustem; isso d'elle os ir pintar n'um quadro, longe de mim e das minhas vistas... Nada. As pombas que fallavam de cima das azinheiras, não eram outra cousa senão o pensamento recolhendo-se sobre as alturas da intelligencia para annunciar o que dizia Deus; e os frangãos, pareciam-me estar, com ellas, a fallar... Trouxe-os commigo. Já cá estamos em casa, outra vez! E, recorrendo ao tinteiro, que o meu amigo pintor metteu á bulha, conto-lhes isto; bem sei que o caso não poderá entretêl-os como a mim! Desculpem!

Ora os frangões! Venham cá bonitos... Pi... pi... pi...

Julio Cesar Machado.

A VACCA E O BODE

Uma velha tinha uma vacca e um bode, que iam pastar ao campo. A vacca voltava primeiro, para que lhe mugissem o leite. A velha trazia pão e sal que dava á vacca, dizendo-lhe:

— Toma lá, toma lá, mas está quietinha.

Um dia o bode veio primeiro do que a vacca. Aprumou-se nas patas e poz-se diante da velha a olhar para ella, que o ameaçou com uma toalha; mas o bode não se mexeu. Lembrava-se que, na vespera, a velha promettera pão e sal á vacca para que estivesse quieta. A velha, vendo que o bode não se tirava d'alli, pegou n'um pau e bateu-lhe. Quando o bode se affastou, viu a mulher dar novamente pão e sal á vacca, recommendando-lhe que estivesse quieta.

— Não ha justiça na terra! exclamou o bode, eu nem me mexi e bateram-me.

E então poz-se a correr, desesperado, entornou o leite e deu uma marrada na velha.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 25

Decreto approvando que se organise a collecção da legislação estrangeira, e determinando a nomeação de uma commissão para esse fim.

Portarias mandando aos presidentes das Relações que remettam os requerimentos, devidamente informados, dos escrivães ordinarios que desejem desempenhar as funcções de tabelliães, e mandando aos procuradores regios que dêem as competentes instrucções para os escrivães ordinarios interinos continuarem exercendo as mesmas funcções.

Relação dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio de Janeiro, referida ao mez de novembro de 1888.

Diario de 26

Carta de lei auctorisando o governo a modificar o actual regulamento de sanidade maritima.

Mappa do movimento do pessoal consular, referido aos mezes de maio, junho e julho do corrente anno.

Mappa do movimento dos espolios pertencentes aos portuguezes fallecidos na área do consulado do Rio Grande do Sul, referido ao mez d'abril de 1888.

Portaria fixando o quadro e vencimentos do pessoal do caminho de ferro do Oeste.

Diario de 27

Aviso de que no dia 31 do corrente, anniversario natalicio do infante D. Affonso, não haverá recepção no paço real da Ajuda.

Concessão de differentes mercês honorificas.

Varios despachos administrativos.

Lista nominal dos delegados ao conselho superior de instrucção publica, eleitos pelos estabelecimentos de ensino, para o biennio de 1889-90.

Portaria declarando á Companhia de Moçambique que o governo não reconheceu nem póde reconhecer a companhia das minas de Ofir, e que o decreto de 20 de dezembro de 1888 declarou caduca a concessão de 12 de fevereiro de 1884.

Mappa do movimento dos espolios *dos portuguezes fallecidos na área do* consulado do Maranhão, referido ao mez de junho de 1888.

21

FOLHETIM

EUGENIO SUE

O MARQUEZ DE LETORIÈRE

XII

As confidencias

— Quereis dizer Sphex, marquez!

— Sphex ou Espectro... para mim é o mesmo... Mas, com mil diabos! barão, deixae-me rir... ainda que seja á custa de um vosso collega... não por minha culpa, porque faço tanto caso de um sabio... como de um copo quebrado, ou de um cavallo com os peitos abertos...

— Muito bem dito, marquez, nem vós nem eu fomos feitos para respirar o pó dos alfarrabios... gostamos em demasia do ar dos bosques!

— Imaginae pois... barão... que esse velho Espectro, que antes quero chamar assim, porque isso diz com o seu nome e figura... teve a insolencia de me perguntar no fim de dous minutos de conversação... se eu fallava latim?

— Vós... marquez... vós, fallar latim! disse o barão, tomando parte na indignação de Létorière... Dizei-me! em que parte tinha elle os oculos? Será porque tendes o ar de latino? Já vistes tão impudente velho? Porque diabo vos tomou elle?

— Já vêdes, barão, que ninguem póde ouvir isto a sangue frio... mesmo ao seu juiz... Viva Deus! lhe respondi, achaes-me visos de um rato roedor de livros velhos? de um bebedor de tinta? de um pedante? Fallar eu latim? com mil diabos! Se não viesse pedir-vos a vossa protecção para a minha demanda... mostrar-vos-ia como trato aquelles que me perguntam se fallo latim!

— Muito bem respondido, meu hospede... daria cem florins para assistir a esta scena, disse o barão rindo ás gargalhadas.

— Então o doutor declarou-me com franqueza, que nada tinha a dizer-me concernente á minha demanda, e que podia considerar a minha causa como perdida, porque eu *era bem conhecido!*... Que vos parece! barão... eu bem conhecido!... isto era demais, já me havia perguntado se fallava latim... não pude vencer-me, propuz-me francamente um duello...

— A Sphex! um duello... replicou o castellão rindo-se, sem poder respirar, o velho mono devia de estar interessante... e que respondeu elle?

— Absolutamente nada; levantou as mãos para o céo e desappareceu, como por encanto, por detraz de uma estante de livros; então retirei-me... receando muito que o doutor me tome rancor, e o diabo me leve se sei a razão; pois póde-se trocar uma estocada, e ficar-se amigo.

— E' de uma candidez singular, disse baixinho o castellão, faz com que se abuse de suas maneiras e de seus avizos.

Létorière accrescentou:

— Faltava-me visitar o conselheiro Flachsinfingen: chego a sua casa, pergunto por elle, e apparece-me uma velha feiticeira, vestida de preto, que poderia passar por sua mulher, tanto era séca e magra. Tinha além d'isso uma Biblia na mão. Tenho de tractar com o conselheiro e não com sua mulher, disse eu ao creado. Eu, ou o conselheiro, é tudo o mesmo, redarguiu a feiticeira, dizei-me, senhor, o que tendes a dizer a meu marido. Então, barão, eu, que não sou falto de habilidade, imagino um meio para fazer fugir a mulher, e apparecer o marido.

— Vejamos, marquez, disse o castellão, e accrescentou baixinho: Se isto com destreza acaba, beberei agua pura... ella é rude e nodosa como o carvalho, mas desembaraçada como o vime. Continuae! Qual foi o meio, marquez?

— Com um milhão de diabos, senhora! disse eu á conselheira: o que tenho a dizer ao conselheiro é muito indecente para os vossos castos ouvidos; é um litigio guardado á *porta fechada*. Dizei sempre, senhor. Então, comecei a contar-lhe um conto tão indecente, que faria córar um soldado hungaro.

A esta nova facecia, o barão teve um novo accesso de riso, e exclamou: Um conto indecente! á devota Flachsinfingen!... Com todos os diabos! eu daria o mesmo sabujo Moick, por ter presenceado esta scena! E ella que disse?

— Fez-se feia como uma lagosta, chamou-me insolente, e mandou-me sahir.

— Se d'essa maneira procedeis para interessar os juizes na vossa demanda, meu hospede, estaes bem servido, disse o castellão.

— E que diabo quereis que eu dissesse, a um sabio e a uma feiticeira? não se combina.

— De certo que não, disse o barão, o pobre rapaz é como eu, custar-lhe-hia a costumar-se á algaraviada de um doutor, e á tagarelice de uma velha.

— Só me falta visitar-vos, barão. Visitei-vos... sois um bom homem... receio enfadar-vos com os meus negocios. Mas esta demanda... se soubesseis... se a perco!... Eu vou assim como desleixado; mas acreditae, se isto acontece... se a perco! exclamou Létorière com energia, não sobrevirei, rogarei, por certo, a sam cartucho, e á minha espingarda, para que se compadeçam de mim!

Depois de deixar escapar este sinistro segredo, Létorière fingiu reunir as suas ideias, passou a mão pela testa, e olhando em torno de si com ar espantado:

— Que é isto, onde estou eu?... Estaes, ahi barão! Vamos, vamos... o vosso vinho do Rheno é forte como o diabo; dormi, cuido eu...

E o marquez fechava a seu pesar as palpebras que pareciam pesadas.

— Não dormistes, mas tendes, creio eu, precisão d'isso, meu hospede... e o vosso cangirão está cheio.

— Então vasio por mim, barão... porquê... a demanda... o veado... hoje... Ah!... leve o diabo a demanda... viva a caça!... Toca a beber... A' vossa saude, barão!

E Létorière fingiu cahir adormecido, e encostou a cabeça sobre os braços.

— Recusa beber, venci! exclamou o castellão. «E logo chamou Selbitz e Erhard, tanto para provar o seu triumpho sobre o francez, como para ordenar o ajudassem a subir ao quarto dos ratos. Létorière, que tinha a cabeça tão socegada como o barão, prestou-se ao soccorro que lhe davam, e fingiu subir machinalmente a escada que conduzia ao quarto, e cahiu sobre a sua má cama.

O barão estava n'uma singular perplexidade. Queria interessar-se intimamente por Létorière, sobre tudo depois que elle lhe fez crer que não sobreviveria talvez á perca da sua demanda, mas o bom castellão tinha tambem formalmente promettido seu voto aos principes allemães, que accreditava tinham justiça.

Para conciliar o desejo de favorecer o marquez com a sua palavra já dada, o barão recorreu a um singular arbitrio:

— Os nossos votos são secretos: pelo caracter que em Sphex conheço, e Flachsinfingen, sobre o serem muito partidistas dos principes, disse elle, fóra de duvida que votarão ambos contra esse pobre Létorière, sobre tudo, depois do insulto que fez ao sabio e á conselheira. A sua hostilidade assegura o triumpho da parte adversa. Agora, como os principes allemães, vençam, conforme o requer a justiça, que me importa que seja por unanimidade ou pela maioria de dous votos contra um? Tudo o que desejo é poder, sem commetter injustiça, despedir este pobre marquez com boas palavras e uma prova da minha amizade; por quanto não me animarei a dar um *não* a um tão excellente caçador, e a um tão jovial companheiro.

Adoptada esta resolução, o castellão esperou com impaciencia que se levantasse o seu hospede, e annunciou-lhe, que tendo reflectido toda a noute na sua demanda, a sua convicção se modificára, e lhe dava a sua palavra de votar a seu favor.

Létorière depois de agradecer ao barão, voltou para Vienna. Posto o tivesse dito ao castellão, o marquez não tinha ainda visto nem o conselheiro Sphex nem a mulher do conselheiro Flachsinfingen.

XIII

O doutor Sphex

O doutor Aloysius Sphex morava n'uma casa muito retirada, situada nos suburbios de Vienna. Grossos varões guarneciam as janellas; chapas de ferro maciças augmentavam ainda a solidez de uma porta baixa e estreita, fechada por uma grossa fechadura.

Era preciso passar corajosamente por entre dous grandes cães de fila, presos por detráz d'esta porta, para chegar a um pateo interior, onde a herva crescia por toda a parte, e que dava para a cosinha. N'esta casa fria e nua, estava a velha creada do doutor, acocorada, proxima de dous tições amortecidos.

O doutor vivia no primeiro andar de uma vasta bibliotheca cheia de poeira, em desordem, atulhada de livros *in folio*, que parecia não terem sido abertos ha muito tempo.

(Continua.)

30 DE JULHO DE 1889.

Vão-se fixando já algumas candidaturas. A do sr. Francisco d'Almeida e Brito, secretario do sr. presidente do conselho, verificar-se-ha pela ilha de S. Miguel. Diz-se que a opposição serpacea abandonará a urna—tão mal se lhe affiguram os negocios. Recebe na indisposição publica que contra ella se levanta, a paga do modo porque procedeu no parlamento. Na futura sessão já não terá braços para quebrar carteiras, nem voz para embaraçar os debates. E' o que naturalmente succede. E o que é muito para notar é, que nem a parte mais pacifica d'aquelle grupo tem o assentimento da opinião. O sr. Lopo Vaz, que era o representante da minoria pelo circulo plurinominal de Braga, está soffrendo alli a mais dura guerra com o fundamento de que não é natural do circulo. E alguma razão ha para isso. O sr. Lopo Vaz nunca fez serviços á grande capital do Minho, e dignamente não póde representar o circulo que agora o regeita. E não é propriamente o partido governamental que combate a sua eleição: é o sr. abbade de Maximinos, representante do porto franco, quem levanta contra o seu nome a cruzada santa do verdadeiro patriotismo. Veremos no que dão alli as cousas, mas ajuizará talvez melhor quem affirmar que quem vence é o illustre cura d'almas de Maximinos. Não é o sr. Lopo Vaz do numero d'aquelles que deva ficar fóra da camara, mas irá melhor se for pelo districto a que pertence—por Villa Real, por exemplo.

— Por noticias do Brazil consta que os nossos compatriotas residentes em S. Paulo ficaram profundamente impressionados com as informações ácerca do conflicto de Lourenço Marques. As ameaças brutaes dos jornaes inglezes produziram uma commoção enorme na colonia portugueza. Pediam-se noticias da pendencia com extraordinaria anciedade e muitos ofereciam a sua dedicação, uma parte dos seus haveres, a sua propria vida, para o caso de um rompimento de hostilidades. Não me admira. Lá fóra exalta-se-lhe até ao fanatismo a paixão da patria. Aqui é que ás vezes parecemos indifferentes e mais pequenos do que somos. Sabemos que em qualquer crise da patria poderiamos contar com o esforço e com a dedicação de muitos dos nossos compatriotas do Brazil, como sempre temos contado com o seu enthusiasmo, com a sua piedade, com a sua cooperação para todos os nossos jubilos, para todos os nossos infortunios, para todos os nossos emprehendimentos. Com o ouro d'esses compatriotas têem-se aqui levantado escolas, hospitaes, asylos e monumentos. A sua bemdita esmola tem enxugado muitas lagrimas dos nossos desditosos e até algumas das armas votadas á defeza do paiz foram compradas com o seu abençoado dinheiro. A affronta da *Charles et George* produziu tão dolorosa impressão na colonia portugueza do Brazil como aqui em Lisboa e sabemos todos a que desforço individual, commovente e cavalheiroso, deu logar a esse deploravel incidente. Assim nós podessemos contar com a previdencia do governo, como contamos com a paixão patriotica dos portuguezes do Brazil. Homens não lhe faltariam, como não faltaram nunca nos dias de provação; o que é para receiar é que venham a faltar um dia os elementos de defeza, que se não improvisam nem se preparam e adquirem na hora do perigo. Felizmente, o conflicto não terá o desenlace violento que se receiava no Brazil. Oxalá que sirva de lição a quem pertence o dever de assegurar a defeza do paiz. E' consolar registrar e agradecer o procedimento nobilissimo dos portuguezes residentes em S. Paulo.

— O *Gaulois*, chegado hontem, dá os mais interessantes pormenores sobre o attentado contra o imperador D. Pedro, e que são absolutamente desconhecidos em Lisboa. Foi, como se sabe á sahida do theatro lyrico, que o attentado se effectuou. O auctor, segundo a folha franceza affirma, está atacado de alienação. O imperador, que não ficou muito impressionado com o attentado, apenas chegou ao palacio, procurou saber a nacionalidade do criminoso, e, quando lhe declararam que era um portuguez exclamou: «Louvado seja Deus! Não foi um brazileiro!» A noticia do attentado espalhou-se rapidamente em toda a cidade. Em pouco tempo mais de cem mil pessoas se reuniram á passagem do imperador acclamando-o e seguindo-o até ao paço. Depois, como por encanto, toda a cidade do Rio de Janeiro appareceu brilhantemente illuminada. Logo que chegaram ao palacio imperial, suas magestades, para corresponderem ás acclamações fervorosas da multidão, tiveram que apparecer repetidas vezes á janella. Uma ovação enthusiastica acolhia a sua augusta presença. No dia seguinte houve uma grande recepção. Todos os habitantes do Rio de Janeiro accudiram ao paço a festejar o imperador e a familia imperial do Brazil. Quando a recepção terminou, o imperador disse á imperatriz: — «Este attentado causa-me uma grande alegria, porque me prova mais uma vez a amisade que me liga ao povo brazileiro.» Affirma-se que o imperador perdoará ao auctor do attentado, quer se prove que é um allucinado, quer se prove que é um criminoso.

— Verificou-se no domingo proximo a eleição das quatro vagaturas de pares electivos que havia na camara alta. A eleição correu bem, não havendo em nenhum dos circulos nota discordante para o governo. Apenas em Evora dois votos contra. Foram eleitos: por Evora, o sr. Francisco Simões Carneiro; por Leiria, o sr. visconde de M[illegible]; por Villa Real, o sr. Manuel Jos[illegible] Vieira; e por Bragança, o sr. Manuel Francisco d'Almeida Brandão.

— O ascensor de Nazareth, que se inaugurou hontem, é movido a vapor, por uma machina collocada no Sitio, e assente em rocha viva. Abriu-se um tunnel de 58 metros de extensão a partir da *gare* inferior, prolongando-se a linha para a praia até ao antigo largo das Caldeiras, na extensão total de 318 metros. Ao acto da inauguração assistiram os srs. ministros da fazenda e obras publicas, que foram alli muito bem recebid[illegible] e em todos os pontos por onde passaram.

— O sr. ministro da guerra passa melhor, e vae á secretaria já n'um dos proximos dias.

— Regressaram de Paris os srs. condes de Valenças.

— O sr. Marianno de Carvalho chega a Lisboa n'um dos dias proximos.

— Regressaram hoje a Lisboa os srs. condes de Casal Ribeiro e sua familia, vindos do Bom Jezus de Braga, onde estiveram algum tempo.

— Partiram ante-hontem para Mafra o sr. Emygdio Navarro, sua ex.ma esposa e filhos.

— Parece que será eleito deputado por um dos circulos do continente, um filho do sr. conde de Foz d'Arouce, formado este anno, moço d'excellentes qualidades e de provada intelligencia.

— Foi nomeado governador civil de Portalegre o sr. Henrique de Sá Nogueira e Vasconcellos.

— Ainda se falla, ou falla-se agora mais na saída do Santo Padre de Roma, e parece assentado que o illustre successor de S. Pedro virá para Portugal no caso de ter de deixar a cidade dos Papas. Segundo se affirma, parece ser esta a opinião da Allemanha e da Austria. A Inglaterra offerece-lhe a ilha de Malta e a defeza da sua esquadra, mas a Europa não concorda. Crê-se porém que as cousas hão de compôr-se de modo que o illustre chefe da Christandade não terá de abandonar a cidade santa.

— Hão de começar no dia 15 de agosto as carreiras da nova companhia da Mala Real Portugueza, como sabe já. Os seus paquetes tocarão na ilha de S. Vicente ou na de S. Thiago de Cabo Verde, e na ilha de S. Thomé, em Loanda e em Mossamedes, na costa occidental da Africa, e nos differentes portos da nossa costa oriental até ao Ibo, devendo este serviço ser feito em 40 dias, sendo 18 gastos na viagem de Lisboa a Mossamedes e 22 na de Mossamedes até ao Ibo. A companhia tem contratado o pessoal para todos os seus navios, e tem já estabelecidas as suas agencias em todos os portos em que elles devem tocar. Alguem que viu os modelos dos vapores *Tungue* e *Rei de Portugal* que a Mala Real Portugueza mandou expressamente construir para a navegação d'Africa, em viagem já para Lisboa, affirma que são dois barcos elegantes e obedecendo ao mais aperfeiçoado systema das construcções modernas. O *Rei de Portugal*, de grande lotação, contém uma innovação de grande commodidade para os passageiros da 1.ª camara, que é estar esta situada a meia nau, e por consequencia ao abrigo da trepidação do helice. Ouvi que a empreza projecta festejar a inauguração official do *Rei de Portugal*.

— O intrepido explorador Serpa Pinto foi encarregado de reconhecer a margem occidental do Nyassa e o curso do Aruangua do Norte, porto pouco conhecido ainda.

— Os azeites portuguezes obtiveram na exposição de Paris o *Grand Prix*, distincção apenas concedida aos da França, da Hespanha e da Tunizia. Além d'este premio, alcançaram os seus expositores de azeite 23 medalhas de ouro, 47 de prata, 95 de bronze e 120 menções honrosas. A Italia teve apenas 5 medalhas de ouro e a Hespanha 7.

— Sua Magestade a rainha mandou retirar do cofre dos inundados as seguintes quantias: 150$000 reis para soccorrer a dona do hiate *S. Bartholomeu Dias*, afundado no Tejo em abril d'este anno; 150$000 para os moradores pobres da freguezia de Murtede, concelho de Cantanhede, victimas da variola, sendo a distribuição feita pela camara municipal; 36$000 para as familias pobres dos naufragos do cahique *Bomfim*, afundado por abalroamento em frente de Oeiras, no anno passado; 150$000 para os habitantes pobres da Villa de Fronteira que soffreram os effeitos das trovoadas, sendo a distribuição feita pela camara; 100$ para o hospital da misericordia de Odemira, sendo entregues ao respectivo provedor; e 200$000 para auxilio á Casa-pia de Evora.

— Reuniu hontem a commissão encarregada de escolher os typos de navios para a armada, sendo nomeada uma sub-commissão para fazer os primeiros trabalhos, que serão apresentados na proxima sessão do dia 2 de agosto. O sr. Ferreira do Amaral pediu escusa de membro da commissão.

— O abastado proprietario sr. Antonio Manuel de Sousa vae mandar construir casas para operarios n'um terreno da rua da Gloria, á Graça, segundo um plano que submetteu á camara municipal.

— Foi creada uma conservatoria privativa do registo predial na comarca de Gouveia.

— A Associação dos empregados do Estado foi auctorisada a liquidar a caixa de pensões e a vender as inscripções que lhe pertencem.

— Ante-hontem ás 8 horas da noite e quando passeiava mais gente na Avenida, apagaram-se de repente todas as lampadas de luz electrica. Houve grande susurro entre a multidão, que ficou completamente ás escuras, mas não tardou que as lampadas se illuminassem outra vez.

— Foi hoje ao ministerio da fazenda uma grande commissão de lojistas revendedores de cautellas para pedir a revogação do despacho de 6 do corrente que os classifica como cambistas de 4.ª classe; não fallou, porém, com o sr. ministro, por elle estar ausente. A commissão esteve no Terreiro do Paço até ás 4 horas da tarde. Voltará sexta-feira.

— Parece que vae soffrer alteração o fardamento da guarda fiscal. E com estas frioleiras se gasta o tempo e o dinheiro dos pobres empregados!

— Foi concedido aos bispos do continente poderem authorisar exames em outubro aos alumnos, a quem faltar um só exame de preparatorios para se matricularem nos cursos ecclesiasticos dos respectivos seminarios.

Y.

A' ultima hora.—As noticias de França dizem que nos 1:229 cantões que tinham a eleger conselheiros geraes, foram eleitos 751 republicanos, 497 conservadores, havendo 161 empates. Boulanger ganhou sómente a eleição em 12 cantões, mas empatou em muitos outros. O resultado indica que o actual governo de França tem ainda as sympathias da maioria do paiz.

Y.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA D'AVEIRO

Entrada em 28

Hiate *Affonso*, de Villa do Conde, vasio.

Sahidas em 29

Hiate *Commercio*, para S. Miguel, com sal.
Cahique *Vamos com Deus*, para Cezimbra, com sal.
2 enviadas, para Lisboa, com sal.
1 varino, para Lisboa, com sal.

Em 30

Hiate *Machado I*, para Vianna, com sal.
Hiate *Martins I*, para o Porto, com sal.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CONCURSO

A Meza da Santa Casa da Misericordia, da cidade de Aveiro, faz publico que, por espaço de 30 dias, a contar de hoje, se acha aberto o concurso para os logares de enfermeiro e enfermeira do seu hospital, com o ordenado de 500 reis diarios, cama, meza e roupa lavada.

As condições acham-se patentes na secretaria da mesma irmandade.

Aveiro, 25 de julho de 1889.

O escrivão,
Alexandre Ferreira da Cunha e Souza.

REGIMENTO DE CAVALLARIA N.º 10

ANNUNCIO

O conselho administrativo do dito regimento, faz publico, que no dia 6 d'agosto proximo futuro, pelas 11 horas da manhã, no quartel do referido regimento em Aveiro, se ha de proceder á arrematação em hasta publica para o fornecimento de forragens a secco para os cavallos do dito regimento ou quaesquer outras forças montadas que transitem por esta localidade, por espaço d'um anno, a começar em 1 d'outubro proximo futuro.

Os licitantes depositarão no acto da arrematação a quantia de 1:000$000 reis como caução ao seu contracto.

As condições acham-se patentes na secretaria do regimento todos os dias não sanctificados, desde as 10 horas da manhã ás 2 da tarde.

Quartel em Aveiro, 26 de julho de 1889.

O secretario do conselho
Antonio Antunes,
Alferes de cavallaria 10.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

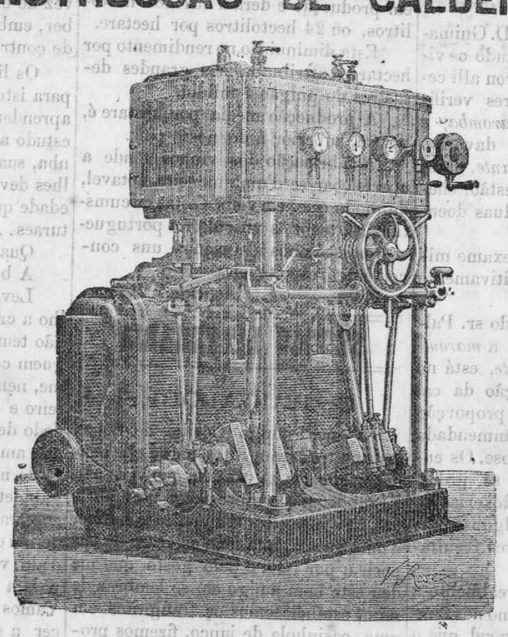
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, has ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de *columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.*

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida de *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Sneí, 13.

ENSINO DE MENINAS PELAS CASAS PARTICULARES

UMA senhora residente n'esta cidade e verdadeiramente prendada, offerece-se para ensinar nas casas particulares instrucção primaria, e todas as prendas de costura e bordado que possam desejar-se. A quem convier póde fallar no escriptorio d'este jornal que alli se lhe dirá com quem pode tratar.

HOTEL SERRA

LUZO

O antigo Hotel Serra, de Luzo, melhorou as suas condições, fazendo uma casa nova, d'onde se gozam encantadoras vistas. Ha na nova e antiga habitação excellentes sallas e quartos mobilados de novo—tudo com a maior decencia. Este antigo e acreditado estabelecimento melhorou muito as condições da sua cópa e cosinha, sem alterar os preços uzuaes. Os criados são de toda a fidelidade, o serviço regularissimo, e acha-se já aberto e em serviço effectivo.

EDITAL

2.ª Circumscripção hydraulica

TAREFA N.º 22

PROLONGAMENTO DO AQUEDUCTO COLLECTOR DO COJO, EM AVEIRO

NO dia 8 d'agosto proximo futuro, pelas 11 horas da manhã, na Secretaria da 2.ª Secção, em Aveiro, rua de José Estevam, perante a commissão competente, serão recebidas, em carta fechada, propostas para a execução da seguinte tarefa:

Tarefa n.º 22

AQUEDUCTO COLLECTOR DO COJO

86 metros lineares de aqueducto

Base de licitação	450$720 reis
Deposito de garantia provisorio	11$270 »
» » definitivo	22$540 »

As condições da arrematação estão, desde já, patentes, em todos os dias não feriados, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, na Secretaria da Secção, aonde serão passadas guias para o deposito provisorio.

As propostas serão redigidas segundo o theor seguinte:

O abaixo assignado, de profissão....., residente em....., obriga-se á execução da tarefa n.º 22 da 2.ª Circumscripção Hydraulica—**prolongamento do aqueducto collector do Cojo**—segundo as condições a que se refere o edital da respectiva Secção, de 27 de julho de 1889, pelo preço total de..... reis (por extenso). Data, assignatura por extenso e em letra bem intelligivel.

Aveiro, 27 de julho de 1889.

O Engenheiro Chefe de Secção,
Francisco da Silva Monteiro.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRÁDOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto
A. J. Shore & C.ª
57—Rua dos Inglezes.

TYPOGRAPHOS

NA typographia d'este jornal recebem-se—um typographo e dois rapazes para aprendizes. A quem convier póde dirigir-se ao administrador da respectiva typographia.

AGRADECIMENTO

FRANCISCO José Domingues, fiscal do governo, junto á companhia real dos caminhos de ferro de leste e norte, vem muito respeitosamente agradecer ao ex.mo sr. director da alfandega d'esta cidade e ao patrão e remadores, o serviço que lhe prestaram no passeio á Barra e á Vist'Alegre.

Aveiro 31 de julho de 1889.

EDITOS

NA comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão Nogueira Junior, e em virtude de execução em que é exequente João José Martins, casado, proprietario de Lisboa, e executados Antonio e Maria, menores, filhos de Manuel Rodrigues da Costa, fallecido, casado que foi com Conceição de Jezus, de Sarrazolla, correm edites de trinta dias citando o dito Antonio, maior de quatorze annos, ausente em parte incerta, filho de Manuel Rodrigues da Costa, já fallecido, de Sarrazolla, para dentro de dez dias, findo o mencionado praso de trinta dias, pagar a quantia de 236$446 reis, com juros de móra e custas pedidas na mencionada execução, ou nomear bens á penhora, seguindo-se os demais termos até final, sob pena de revelia.

Aveiro 29 de julho de 1889.

O escrivão substituto
Fernando Ribeiro Nogueira Junior.
Verifiquei—*Brito.*

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca. Effeitos perniciosos do Mercurio. Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma
Adh. DETHAN, Rue em PARIS.

ESPECTACULOS

PRAÇA DE TOUROS EM AVEIRO

INAUGURAÇÃO DA PRESENTE EPOCA TAUROMACHICA

Domingo, 11 d'agosto, e segunda-feira, 12

Por occasião dos grandes festejos da inauguração da estatua do grande tribuno José Estevam Coelho de Magalhães, haverá duas esplendidas corridas de touros comprados expressamente para estas corridas ao conhecido lavrador Estevão, d'Alcochete.

Tomam parte n'estas corridas o distincto cavalleiro amador o sr. **Manuel Casimiro**, e os bandarilheiros **João da Cruz Calabaça, Filippe Aragon «El Minuto», Silvestre Calabaça, Antonio Amado «El Salerito»** e outro, e bem assim um valente grupo de homens de forcado de Santarem.

Haverá comboios a preços reduzidos.

Abrilhantará estes espectaculos a philarmonica *Amizade.*

Podem tomar-se desde já quaesquer logares no estabelecimento do sr. Domingos José dos Santos Leite.

PREÇOS:—Camarotes para uma corrida, 4$000 reis; camarotes para duas corridas, 7$000 reis; plateia sombra, 600 reis; sol, 300 reis; galerias, 300 reis.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO